CRB

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

SUMÁRIO

321 — A Sagrada Congregação dos Religiosos Estimula a Colaboração Entre o CELAM e a CLAR

327 — "Agradecemos a Preciosa Colaboração Que Continuais a Dar à Sagrada Jerarquia" — PAULO VI

331 — A Concelebração Manifesta a Unidade do Sacrifício e do Sacerdócio — DECRETO DA SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS *(parte)*

339 — A Missão do Irmão Educador Requer Atualização Constante — IRMÃO CRISTÓVÃO TARCÍSIO, F.S.C.

343 — O Tempo Atual Requer de Modo Especial Uma Formação do Coração da Jovem Religiosa — S. LUCIE DE LA TRINITÉ

355 — Igreja Local e Evangelização (*Lições da História para a Pastoral Paroquial — II*) — DOM SERAFIM FERNANDES DE ARAÚJO

375 — Consultas — VIII: 1) Cardeal Protetor; 2) Prescrição da Santa Sé para administradores

CRB Informa, 352 — Pastoral especial: 1) *Em junho haverá no Rio o primeiro Encontro Nacional de Pregadores de Retiro*, 363; 2) *Em julho, o primeiro Encontro Nacional de Responsáveis por centros de peregrinação*, 367 — À nossa pastoral falta um planejamento eficiente (*Curso de Pastoral GB*), 369 — Note e Anote: *Experiência nova num mosteiro beneditino*, 372; *Assembléia Geral da CRB*, 373; *Convite às Auxiliares de Enfermagem*, 374 — Pelas Revistas, 377 — Recensões bibliográficas, 381

ANO XI — N.º 120
JUNHO DE 1965

A Sagrada Congregação dos Religiosos Estimula a Colaboração Entre o CELAM e a CLAR

Nesta Revista, no número de maio, publicamos importante pronunciamento do Presidente da Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR), o Revmo. Padre Manuel Edwards, feito na vitava reunião do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). O Revmo. Padre Manuel Edwards explicou aos srs. bispos reunidos que a CLAR está desejosa de dar tôda a sua colaboração ao CELAM, a serviço da Igreja na América Latina. Os religiosos sentem sua responsabilidade, porque constituem a metade dos sacerdotes e 88% do pessoal apostólico consagrado. A colaboração deve visar a transformação da mentalidade pastoral, a renovação litúrgica, a agregação e preparação de pessoal apostólico e o conhecimento da realidade religiosa. Deve processar-se também no setor vocacional e educacional.

A Sagrada Congregação dos Religiosos acrescenta alguns conselhos

Êste pronunciamento teve bastante repercussão : a Pontifícia Comissão para a América Latina (CAL) o entregou à Sagrada Congregação dos Religiosos, e esta dirigiu carta à CLAR, elogiando sua tomada de posição em favor de maior colaboração com o CELAM e sublinhando ainda os seguintes pontos :

1. A CLAR deve promover uma profunda renovação da vida religiosa.

2. Os religiosos devem ir ao encontro das necessidades da Igreja na América Latina.

   a) Isto supõe intensificação da formação para a vida religiosa.
   b) Convém reduzir o número de casas de formação para liberar mais pessoas para o apostolado e para poder dispor de formadores mais especializados e experientes.

c) É preciso procurar maiores entendimentos com as organizações no estrangeiro que enviam religiosos para a América Latina a fim de conseguir melhor seleção e preparo mais adequado.

d) A CLAR deve estimular a fundação de institutos de pastoral.

3. Poderá ser útil constituir em cada nação um comitê de coordenação, composto de representantes das conferências dos bispos e dos religiosos.

4. Convém intensificar os contatos com a União dos Superiores Gerais.

5. As conferências nacionais de religiosos devem apoiar a CLAR.

Segue o texto do documento dirigido à CLAR :

SACRA CONGREGATIO DE RELIGIOSIS

Roma, 5 de dezembro de 1964

Revmo. Padre:

A Pontifícia Comissão para a América Latina enviou recentemente a êste Sagrado Dicastério cópia da relação A CLAR e sua colaboração apostólica com o Conselho Episcopal Latino-Americano *que V. Revma. apresentou na citada reunião do CELAM (Roma, 8 de outubro passado), exprimindo o desejo de conhecer o pensamento dêste mesmo Sagrado Dicastério acêrca da dita relação.*

Depois de haver examinado atentamente êste documento de V. Revma., deseja a Sagrada Congregação dos Religiosos comunicar-lhe sua profunda satisfação pela perfeita uniformidade nos pontos de vista e nos programas de ação que agora liga essa Confederação e o CELAM, e anima a CLAR e tôdas as conferências nacionais de superiores maiores da América Latina a porem diligentemente em prática as idéias que V. Revma. elaborou para chegar a uma completa e bem estudada colaboração dos religiosos nos trabalhos pastorais do CELAM.

Para melhorar tal assistência mútua, deseja êste Sagrado Dicastério que se tenham em conta os seguintes pontos :

1. A primeira incumbência e fundamental responsabilidade da CLAR é, como se afirma em seus estatutos, promover na América Latina uma profunda renovação da vida religiosa, de acôrdo com o movimento geral de renovação daquilo de que se ocupa o Concílio Ecumênico, para favorecer nos institutos religiosos maior correspondência à sublime vocação religiosa.

2. Por isso, é urgente procurar um conhecimento melhor e mais amplo despertar da vida religiosa, saindo assim ao encontro das ingentes necessidades da Igreja na América Latina.

a) *A êste propósito, deve se cuidar especialmente da pastoral das vocações, exercendo-a em cordial harmonia com o CELAM; além disso, deverá ser intensificada a seleção e formação dos aspirantes à vida religiosa, aprofundando as mesmas em conformidade com o que está estabelecido na Instrução* De candidatis ad Statum Perfectionis et ad Sacros Ordines sedulo diligendis et instituendis *desta Sagrada Congregação (2 de fevereiro de 1961).*

b) *Para o trabalho da formação dos candidatos à vida religiosa, devem ser designados religiosos de provada experiência. Por tal motivo e também para deixar livre para o apostolado o maior número possível de sacerdotes religiosos, a CLAR proverá à realização do conhecido plano de redução das casas de formação dos institutos religiosos da América Latina.*

c) *Do mesmo modo, e pelo que respeita ao envio de religiosos estrangeiros à América Latina, a CLAR, juntamente com o CELAM, pensará no modo de pôr-se de acôrdo com os institutos religiosos e com as conferências de superiores maiores da Europa e da América do Norte, para que se assegure uma prudente seleção e a devida preparação dos religiosos destinados ao apostolado na América Latina. A CLAR estudará depois, junto com o CELAM, o melhor modo de prover à distribuição de tal pessoal, tendo em conta as fundações religiosas já existentes e as obras que as mesmas dirigem e administram.*

d) *A mesma Confederação ajudará também as conferências nacionais de superiores maiores a aumentar os institutos de pastoral para religiosos padres e os institutos ou escolas de formação para religiosos não-padres ou religiosas. Seria necessário que os alunos que freqüentam êsses institutos obtivessem dos superiores respectivos certa liberdade nos deveres próprios do apostolado, para terem a possibilidade de dedicar-se assim com fruto ao trabalho de estudo e formação e poderem dar depois um rendimento mais completo e eficaz.*

3) Sempre em colaboração com o CELAM, ajudará as conferências nacionais dos superiores maiores a conseguir em tôdas as nações da América Latina a maior cooperação possível dos religiosos com a ação pastoral dos Ordinários. Para conseguir um entendimento cordial, poderá ser muito útil que se constitua, em cada nação, uma espécie de comitê de coordenação, composto de alguns representantes do Venerando Episcopado e da Conferência de Superiores Maiores.

Mediante tal contato recíproco será possível conhecer melhor as mais urgentes necessidades da Igreja e as mais graves de cada diocese e, ao mesmo tempo, também poderão ser mais fàcilmente realizadas e mais bem compreendidas as exigências da vida religiosa apostólica.

4. Para coordenar satisfatòriamente as ajudas vindas do estrangeiro para os religiosos da América Latina, a CLAR tratará de pôr-se em contato com entidades nacionais ou internacionais que normalmente promovem iniciativas em favor da América Latina.

De modo particular, convirá intensificar a correspondência com a União dos Superiores Gerais e com a União das Superioras Gerais.

5. A fim de a CLAR poder cumprir devidamente tão importantes e graves funções, procurarão, as conferências dos superiores e das superioras maiores da América Latina, assisti-la com todos os meios ao seu alcance e colaborar generosamente em tôdas as iniciativas da Confederação, de cuja vitalidade elas serão as primeiras beneficiárias.

Essas são as sugestões que esta Sagrada Congregação julgou úteis para conseguir a alta finalidade que a CLAR se propõe, e rogo a V. Revma. queira comunicá-las a tôdas as conferências dos superiores maiores que são membros dessa Confederação, assim como meus cordiais e ferventes votos.

Apraz-me aproveitar esta oportunidade para enviar-lhe uma bênção especial e confirmar-me de V. Revma.

afeetissimo in Domino
(*a*) I. Card. ANTONIUTTI
Pref.

Através da CAL, a Sagrada Congregação dos Religiosos se dirige ao CELAM

Esta carta da Sagrada Congregação dos Religiosos, endereçada à CLAR, foi entregue à Pontifícia Comissão para a América Latina, pedindo fazer chegar o documento acima copiado às mãos do Conselho Episcopal para a América Latina.

Atendendo a êste pedido, o Presidente da CAL, dirigiu ao CELAM a seguinte carta :

Posso assegurar já a V.Ex.ª que esta Pontifícia Comissão teve o cuidado de fazer chegar, por razão de competência, à Sagrada Congregação dos Religiosos, o texto das conclusões sôbre Colaboração apostólica da CLAR com o CELAM.

Apresso-me agora a enviar a V.Ex.ª o documento, redigido pelo mencionado Sagrado Dicastério com base nas conclusões formuladas e acolhidas pelo CELAM sôbre o citado ponto.

Junto também a carta dirigida ao Revmo. Padre Manuel Edwards, SS.CC., Presidente da CLAR, a propósito das citadas conclusões, e rogo atentamente a V.Ex.ª se digne fazê-la chegar às mãos do interessado.

Tenho prazer em fazer conhecer a V.Ex.ª os têrmos da carta enviada pelo Emmo. Sr. Cardeal Ildebrando Antoniutti, Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos; nela se lê :

É-me grato expressar a essa Pontifícia Comissão os sentimentos de viva complacência dêste Sagrado Dicastério pela perfeita inteligência que atualmente une o CELAM e a CLAR, oferecendo louvável exemplo de colaboração e de planificação apostólica em plano supranacional.

Rogo pois a V.Ex.ª queira ter a bondade de traduzir à Presidência do CELAM a sincera satisfação dêste Sagrado Dicastério pelas iniciativas comuns que se esforça em promover com a CLAR e pelo apoio que o mesmo se propôs oferecer à referida Confederação, com o fim de fazer conhecer melhor as exigências próprias da vida religiosa e apostólica e de lograr que a colaboração dos religiosos, tanto no âmbito nacional como no local, esteja sempre em conformidade com os planos pastorais anteriormente elaborados.

Pelo que toca às várias propostas de colaboração por parte da CLAR, esta Sagrada Congregação se compraz em dar seu pleno consentimento. Para facilitar as atuações, êste Sagrado Dicastério se apressa a juntar algumas considerações, rogando a V.Ex.ª queira fazê-las chegar por obséquio, através da Presidência do CELAM, ao Revmo. Padre Presidente da CLAR.

Além disso, com o fim de canalizar melhor e coordenar as ajudas que se queiram destinar aos religiosos da América Latina, seria talvez útil assinalar a existência e a finalidade da CLAR àquelas entidades, nacionais e internacionais, que costumam promover iniciativas em favor da América Latina.

De boa mente aproveito esta ocasião para reiterar meus sentimentos de distinto obséquio,

De V.Ex.ª devotíssimo
CARLOS, Card. CONFALONIERI
Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina

O CELAM aceita a colaboração da CLAR

O Conselho Episcopal para a América Latina recebeu favoràvelmente a proposta da CLAR e redigiu o seguinte documento :

O CELAM, em sua VIII Reunião, sessão do dia 8 de outubro de 1964, ouvido o informe exposto pelo Revmo. Padre Manuel Edwards, SS.CC., Presidente da Confederação Latino-Americana de Religiosos, sôbre a CLAR e sua colaboração apostólica com o Conselho Episcopal Latino-Americano, ao agradecer e aceitar o oferecimento de serviço e de ajuda dos religiosos nas atividades promovidas pela Jerarquia :

1. Encarrega seu Secretariado-Geral de :

a) manter informada a CLAR sôbre planos e projetos pastorais;

b) pedir a participação da CLAR nos estudos correspondentes;

c) coordenar a colaboração da CLAR em todos os campos de ação pastoral e de maneira particular com os departamentos do CELAM (Pastoral, Liturgia, Vocações, Educação etc.);

d) coordenar com a CLAR a ação para o aumento do pessoal religioso proveniente de outros países e o trabalho de documentação e informação religiosa.

2. Convida o Presidente e o Secretariado-Geral da CLAR, ou seus delegados, a participarem com direito a voz, em suas reuniões gerais ou nas de seus departamentos, quando se tratar de matérias de ordem pastoral.

3. Assinala a experiência proveitosa de alguns países, nos quais o Presidente da Conferência de Superiores Maiores Religiosos é convidado a participar nas reuniões da Conferência Episcopal para o melhor estudo e elaboração dos planos pastorais.

4. Oferece seu apoio à CLAR para conhecer as exigências próprias da vida religiosa apostólica e conseguir que a colaboração dos religiosos se peça sempre de acôrdo com planos pastorais prèviamente estudados.

5. Buscará conjuntamente com a CLAR a melhor maneira de fazer cada vez mais estreita e eficaz a colaboração dos religiosos com as tarefas pastorais da Jerarquia e eliminar tôda causa de atritos e de dificuldades.

(Do Boletim da CLAR, março de 1965)

OPERARIOS DE CONSTRUÇÃO TRABALHAM POR CARIDADE

KOENIGSTEIN (Alemanha). — Cêrca de 700 operários de obras da Ordem Internacional de Construção, fundada pelo conhecido Padre von Straaten, estão ocupados, durante o verão, em construir moradias, escolas, hospitais e igrejas. Êles trabalham sem receber remuneração. Esta obra voluntária é também apoiada e promovida pelo Ministério Federal encarregado das questões de famílias e da juventude. O programa prevê especialmente a construção de moradias.

(ATUALIDADES CATÓLICAS, 16-11-64)

Paulo VI aos Religiosos:

"Agradecemos a Preciosa Colaboração Que Continuais a Dar à Sagrada Jerarquia"

No dia 23 de fevereiro do ano corrente, o Papa Paulo VI recebeu em audiência os participantes da reunião de estudos do Comitê Italiano dos Superiores Maiores dos Institutos Religiosos, *organismo dos institutos religiosos masculinos que promove periòdicamente estudos, visando a dinamização das iniciativas de apostolado, em harmonia com as deliberações da Conferência Episcopal da Itália. Nesta ocasião reafirmou o direito de* exemptio *dos religiosos, mas por outro lado elogiou e estimulou os esforços de chegar a uma colaboração eficiente com a Jerarquia, no desejo de servir à Igreja. Insiste em continuar, em espírito comunitário na via da pastoral de conjunto, corrigindo assim as tendências particularizantes de nossa formação. Certamente a atenção pelos aspectos comunitários exigirá sacrifícios, mas êstes serão em benefício dos próprios religiosos e da Igreja. Os subtítulos são da*

REDAÇÃO

Os religiosos, unidos, são motivo de consolação e esperança

Vossa presença, caros filhos, nos enche o coração de consolação e esperança. Ao vos recebermos, como a dignos e responsáveis superiores maiores dos institutos masculinos de perfeição, nossos olhos contemplam interiormente o magnífico conjunto das diversas famílias religiosas, esta multidão de homens consagrados a Deus, no seguimento de uma mesma e nobre vocação, de sacrifício e de apostolado, que engloba a variedade das denominações, conjunto que representais aos nossos olhos, e do qual testemunhais a fé atuante e feliz, o zêlo piedoso, a franca obediência.

Os religiosos, unidos, são um testemunho neste mundo dividido

Muito viva a consolação que nos proporcionais, não só pelos grandes méritos e responsabilidades de cada um de vós, mas também pelo que significais para nós, como dissemos. Apraz-nos saudar e abraçar em vós os vossos religiosos que, segundo as palavras de Santo Agostinho: sic vivunt in unum, ut unum hominem faciant, ut sit illis vere quod scriptum est, una anima et unum cor: multa corpora sed non multa corda" (*In Ps.* 132, 6). Ao mundo internamente dividido, cindido, inquieto, oferecem os religiosos o testemunho de sua fé, de sua caridade, de sua mortificação, testemunho que anima e valoriza a vida comunitária.

É motivo de esperança sobretudo a elaboração de um plano pastoral visando formar uma mentalidade comunitária

Temos em vós igualmente um doce motivo de esperança. Depois de terdes considerado a significação, as instâncias, os problemas e também as deficiências da vida comunitária, consagrastes os dias de vosso encontro de Rocca di Papa à elaboração de um plano pastoral visando a formação de uma mentalidade comunitária sempre mais consciente, tanto entre religiosos como entre leigos, entre jovens como no meio das famílias: utilização de formas especializadas de apostolado, mas sobretudo valorização da vida paroquial e da direção espiritual e o emprêgo bem organizado dos meios de comunicação social.

Elogios aos religiosos pelo desejo de colocar suas fôrças a serviço da Igreja

É uma grande alegria expressar-vos nossos elogios e nossos encorajamentos ao louvável zêlo que demonstra uma vontade unânime de colocar de maneira sempre mais decidida ao serviço da Igreja os magníficos cabedais de energia, as insubstituíveis experiências, as multiformes possibilidades de vossas famílias religiosas.

O espírito comunitário, corrigindo tendências particularizantes e favorecendo relações mais estreitas com a Jerarquia, exigirá sacrifícios

De vossa parte esperais nossas paternas diretrizes, que não podem senão sublinhar vivamente o caráter construtivo de vossas intenções. É

bom pensar no estudo e na formação do sentido e prática da vida comunitária na Igreja. A vida comunitária está no espírito, na essência, na própria fisionomia da Igreja. O sentido e a vivência comunitária constituem um dos temas mais freqüentes do Concílio Vaticano II. E isto se conforma com o desenvolvimento da *socialidade*, de tanta atualidade em nossa época. A atenção ao comunitário corrige, quando necessário, as tendências particularizantes de nossa formação e fará com que se estabeleçam relações mais estreitas com a sagrada Jerarquia. Se a vida comunitária exigir adaptações, sacrifícios no futuro, será isso em benefício da virtude da obediência. Será para o crescimento da consciência *católica*, para o aumento das fôrças tanto internas como externas da Igreja, para distribuição mais eqüitativa dessas mesmas fôrças, para engajamento mais frutuoso na frente comum de sólidas energias espirituais. Na realidade isto não causará prejuízo à justa autonomia que a autoridade da Igreja reconhece como direito das famílias religiosas sob o nome jurídico de *exemptio*. Pelo contrário, êste esfôrço fará aumentar a confiança do clero e dos fiéis nos religiosos e em suas sábias iniciativas.

É necessário coordenar com a Jerarquia

É bom terdes feito referência à Carta do Episcopado Italiano de novembro de 1963, com o intuito de lhe dardes uma resposta concreta no plano da atuação prática e da organização. Isto muito nos alegra e conforta. Quanto a desejo de coordenação entre as famílias religiosas e a sagrada Jerarquia, podemos afirmar-vos que se está pensando no assunto com todo cuidado, e não será difícil, *Deo volente*, chegar-se à meta desejada. Somos felizes, nesse ínterim, de ver que se está tomando smpre mais consciência do problema, que está sendo colocado muito justamente no contexto de uma larga visão pastoral da grande obrigação que nos incumbe a todos da utilidade e da salvação das almas : "Praedicare, arguere, corripere, aedificare, pro unoquoque satagere magnum onus, magnum pondus, magnus labor" (*S. Augustini Sermo* 339, 4).

Que o Senhor nos conceda a todos clareza de visão, fôrça de vontade, generosa fidelidade de corresponder no alegre esfôrço que nos pede para honra de seu nome e advento do seu Reino. Nós, seu humilde representante na terra, vos agradecemos de todo o coração as atenções que dispensais às necessidades atuais de vossas famílias religiosas e de tôda a Igreja, (atenções das quais o presente Encontro nos oferece a mais bela confirmação), e a preciosa colaboração que continuais a dar à sagrada Jerarquia e dareis no futuro, perseverando na vida da *pastoral de conjunto*, que estudastes nestes dias, oferecendo propostas e sugestões concretas.

Que a Bênção Apostólica valorize os nossos votos e vos dê a todos, a vossos veneráveis e dignos superiores maiores, e aos caríssimos membros de vossas famílias religiosas, a plenitude dos dons celestes.

Tradução pela edição francesa de L'Osservatore Romano, *de 5 de março de 1965, pp. 2-3.*

A Concelebração Manifesta a Unidade do Sacrifício e do Sacerdócio

Já deve ser do conhecimento de todos que no dia 7 de março último foi assinado o decreto que regulamenta a concelebração e a comunhão sob as duas espécies. O Secretariado Nacional de Liturgia já divulgou o que o decreto determina sôbre a comunhão sob as duas espécies. Num país como o Brasil, com sua falta de clero, a concelebração interessa sobretudo ao clero religioso, a conventos onde há certo número de sacerdotes. Nestes conventos acontece que, além da missa no altar-mor, há outras missas simultâneas em altares laterais. Nestes casos surge a pergunta: convém continuar com êste costume ou convém reunir os vários sacerdotes em redor do mesmo altar, numa missa concelebrada? Não temos a intenção de responder aqui a esta pergunta, mas, para que os interessados possam trocar idéias sôbre êste problema com mais fruto, publicamos parte do decreto, aprovado no referido dia 7 de março. Importante é que os padres resolvam concelebrar não apenas por motivos práticos, nem apenas por motivos pedagógicos, mas levados pela convicção de que a concelebração é um sinal mais eloqüente da realidade sacramental, isto é, da unidade do sacrifício, da unidade do sacerdócio e da verdade que a missa é o sacrifício de todo o povo santo. Os subtítulos da parte doutrinária são da

REDAÇÃO

DECRETO GERAL, PELO QUAL SE PROMULGA O RITO DA CONCELEBRAÇÃO E DA COMUNHÃO SOB AS DUAS ESPÉCIES

Os ritos devem exprimir as riquezas de Cristo

Ao prescrever e renovar o modo de celebrar os sagrados mistérios, a Santa Igreja sempre envidou esforços para que os ritos, que contêm as

inesgotáveis riquezas de Cristo, as comuniquem aos que estão bem dispostos e bem assim as exprimam, com a maior clareza possível, a fim de que mais fàcilmente penetrem na mentalidade e na vida dos fiéis que nêles tomam parte.

De modo especial, a Igreja tem esta preocupação quando se trata da celebração da Eucaristia : pois ela compõe e institui as várias formas de celebração, de tal maneira que expressem e inculquem nos fiéis os vários aspectos do sacrifício eucarístico.

Três aspectos da missa

Em tôdas as formas, também nas mais simples, na qual a missa é celebrada, estão presentes com efeito tôdas as propriedades que por sua própria natureza pertencem ao santo sacrifício da missa. De modo especial, enumeramos as seguintes :

Em primeiro lugar, a unidade do sacrifício da Cruz, porquanto muitas missas não representam senão o único Sacrifício de Cristo e se tornam sacrifícios, porque são a comemoração de imolação cruenta, realizada na cruz, cujos frutos se recebem por esta imolação incruenta.

Em seguida, a unidade do sacerdócio, pela qual de um lado há muitos sacerdotes que celebram a missa, mas do outro todos são apenas ministros de Cristo, que através dêles exerce seu sacerdócio e para êste fim torna cada um participante dêste mesmo sacerdócio pelo sacramento da Ordem. Portanto, mesmo que individualmente êles ofereçam o Sacrifício, todos o fazem em virtude do mesmo sacerdócio e agem na pessoa do Sumo Sacerdote que pode consagrar o sacramento de seu Corpo e de seu Sangue, seja através de um, seja através de muitos.

Finalmente, aparece de modo mais claro a ação de todo o povo de Deus. Como celebração dêste sacramento, pelo qual a Igreja continuamente vive e cresce e na qual se manifesta a própria índole genuína da mesma Igreja qualquer missa é, com efeito, mais que tôdas as outras cerimônias litúrgicas, a ação de todo o santo povo de Deus, organizado e agindo jeràrquicamente.

A concelebração manifesta de modo especial os três aspectos

Entretanto, esta tríplice característica, que é de cada missa, salta à vista de modo especial no rito pelo qual vários sacerdotes concelebram a mesma missa.

Assim sendo, os vários sacerdotes, ao celebrarem dêste modo a missa, em virtude do mesmo sacerdócio e na pessoa do Sumo Sacerdote, agem pois juntos com uma só vontade e uma só voz, realizam e oferecem num único sacrifício e dêle juntos participam.

Por isso, conforme esta maneira de celebrar o sacrifício, na qual em conjunto os fiéis participam consciente e ativamente e de modo comunitário, sobretudo se é presidida pelo bispo, há realmente uma manifestação excelente da Igreja na unidade do sacrifício e do sacerdócio, uma única ação de graças, com os ministros e o povo santo em redor de um só altar.

Desta maneira, pelo rito da concelebração, propõem-se e inculcam-se vivamente verdades de muita importância que dizem respeito à vida espiritual e pastoral dos sacerdotes e à vida cristã dos fiéis.

A faculdade de concelebração, conservada até hoje, deve ser estendida

Por estas razões — muito mais do que por outras razões de ordem apenas prática — sob suas diversas formas e modos, a concelebração do mistério eucarístico é reconhecida desde a antiguidade e, embora evoluindo diferentemente, ficou em uso até o dia de hoje, tanto no Oriente como no Ocidente.

As mesmas razões levaram os especialistas em liturgia a fazer pesquisas e expressar o desejo de estender a faculdade de concelebrar a missa e de promulgar um rito mais adaptado.

Por fim, o Concílio Vaticano II, depois de refletir ponderadamente, estendeu a faculdade de concelebrar a vários casos e ordenou que se fizesse um nôvo rito de concelebração a ser inserido no Pontifical e no Missal Romano. Por isso, o Santo Padre, o Papa Paulo VI, depois de aprovar e promulgar solenemente a Constituição sôbre a Sagrada Liturgia, ordenou ao Conselho encarregado pela execução da mesma Constituição que preparasse, quanto antes, um rito a ser observado na concelebração da missa. Depois de ser submetido várias vêzes ao exame dos consultores e dos seus membros, e depois de ser aperfeiçoado por êle, o Conselho aprovou êste rito no dia 19 de junho de 1964, determinando — se isto agradasse ao Sumo Pontífice — que antes da aprovação definitiva se fizessem experiências práticas em várias partes do mundo e em circunstâncias diversas...

7 de março do ano 1965.

GIACOMO Card. LERCARO
Arcebispo de Bolonha
Presidente do "Consilium ad exsequendam Constitutionem de sacra Liturgia"

ARCÁDIO M. Card. LARRAONA
Prefeito da Sag. Congregação dos Ritos

FERNANDO ANTONELLI, O.F.M.
Secretário da S.C.R.

A faculdade de concelebração

1. A concelebração, pela qual se manifesta de modo apropriado a unidade do sacerdócio, permaneceu em uso até o dia de hoje, tanto no Oriente como no Ocidente. Por isso, o Concílio achou por bem estender a faculdade de concelebrar aos seguintes casos :

1.º *a*) na Quinta-Feira Santa, tanto a missa da crisma como a missa *vespertina;*

b) nas missas celebradas em concílios, reuniões episcopais e sínodos;

c) a missa *in benedictione Abbatis.*

2.º Além disso, com licença do Ordinário, a quem cabe julgar sôbre a conveniência da concelebração :

a) a missa conventual e a missa principal em igrejas e oratórios, quando a utilidade espiritual dos fiéis não pede a celebração em particular de todos os sacerdotes presentes;

b) as missas nos encontros de qualquer categoria de sacerdotes, tanto diocesanos como religiosos.

Entretanto, sempre se reserva a cada sacerdote a faculdade de celebrar em particular, mas não ao mesmo tempo dentro da mesma igreja, nem na Quinta-Feira Santa (*Const. de Sacra Liturgia, art. 57*).

2. Para que a unidade do sacerdócio se manifeste de modo apropriado, permite-se a concelebração apenas uma vez por dia na mesma igreja ou oratório. Entretanto, onde houver grande número de sacerdotes, o Ordinário ou o superior maior, do qual se fala no próximo número, pode conceder licença para que a concelebração se realize várias vêzes no mesmo dia, mas em horários diferentes.

A autoridade competente

3. É atribuição do bispo regulamentar, *ad normam iuris,* em sua diocese, a concelebração, também em igrejas isentas e em oratórios semipúblicos.

Entretanto, cabe a todo Ordinário, e também ao superior maior de congregações de clérigos não isentos e de sociedades de clérigos que vivem em comum sem votos, julgar sôbre a oportunidade ou não da concelebração e dar licença em suas igrejas e oratórios, como também indicar, de acôrdo com o artigo seguinte, o número de concelebrantes, se na sua opinião a dignidade do rito exigir isso em determinadas circunstâncias.

O número de concelebrantes

4. Em cada caso se decida sôbre o número de concelebrantes, levando em conta a igreja e o altar no qual se realiza a concelebração, de tal modo que os concelebrantes possam colocar-se em redor do altar, mesmo que nem todos toquem imediatamente a mesa do altar.

É preciso cuidar também que os fiéis possam ver bem o rito sagrado. Por isso, será conveniente que os concelebrantes não fiquem entre o altar e o povo.

A concelebração na sagração de bispos e na ordenação sacerdotal

5. Na sagração episcopal é conveniente que os bispos consagrantes concelebrem a missa com o bispo sagrante e o bispo que acaba de ser sagrado.

Na ordenação sacerdotal, todos os neo-sacerdotes devem concelebrar com o bispo.

Em todos êstes casos, o bispo que é o celebrante principal pode admitir ainda outros na concelebração.

O rito a ser observado na concelebração

6. As normas que seguem devem ser observadas sempre que a concelebração é feita no rito romano. *Servatis de iure servandis,* devem ser aplicadas também aos outros ritos latinos.

7. Qualquer sacerdote de rito latino pode concelebrar com outros sacerdotes de rito latino, mesmo que a missa seja celebrada em outro rito.

Não admitir concelebrantes depois do início da missa

8. Ninguém, por qualquer motivo que seja, pode ser admitido à concelebração depois de a missa ter começado.

Missas a serem celebradas ou concelebradas mais de uma vez por dia

9. *a*) Quem celebrou ou concelebrou na Quinta-Feira Santa a missa da crisma pode celebrar ou concelebrar também a missa vespertina.

b) Quem celebrou ou concelebrou a primeira missa na noite de Páscoa pode celebrar ou concelebrar outra missa de Páscoa.
c) No Natal, todos os sacerdotes podem concelebrar as três missas, contanto que sejam celebradas em seu horário apropriado.
d) Quem no sínodo, na visita pastoral ou em reuniões de sacerdotes concelebra com o bispo ou seu enviado, pode celebrar outra missa se, conforme o parecer do mesmo bispo, fôr útil para os fiéis.

Nos outros casos o que concelebra não pode celebrar outra missa no mesmo dia.

Espórtula

10. Cada concelebrante pode legìtimamente receber o estipêndio conforme a norma do direito.

Catequese que deve ser feita antes

11. Instruam os vigários, por oportuna catequese, os fiéis sôbre o rito e significação das missas concelebradas.

Normas gerais

12. Estejam os concelebrantes revestidos das vestes sacras, que devem usar quando celebram separadamente. Os bispos concelebrantes, porém, revestem-se sòmente de amito, alva, cíngulo, cruz peitoral, estola, casula, manípulo e mitra.

A côr das vestes sagradas seja aquela que convém à missa. Contudo, estando o celebrante principal revestido da côr própria da missa, os concelebrantes, em caso de necessidade, podem usar a côr branca, exceto nas missas de defuntos.

Em casos particulares, deve-se recorrer à Santa Sé.

13. A não ser que seja observada outra coisa pelas rubricas seguintes, o celebrante principal deve observar todos os ritos e dizer tôdas as orações que, conforme o costume, de acôrdo com as várias formas de missa, deve observar e dizer quando celebra separadamente. Por isso, se inclina, ajoelha, beija o altar, faz as cruzes e outros gestos conforme as rubricas prescrevem. Entretanto, preste atenção que as orações a serem ditas ou cantadas com os outros concelebrantes sejam pronunciadas de modo claro e com voz mais forte que os outros concelebrantes, de tal maneira que todos

possam dizer cada oração simultâncamente com êle, especialmente as palavras da consagração, que devem ser pronunciadas por todos ao mesmo tempo, mesmo que seja suficiente uma união moral.

14. Os outros concelebrantes fazem apenas aquêles gestos e ritos que são expressamente assinalados para êles. Só estendem as mãos quando orações a serem pronunciadas com as mãos estendidas são ditas ou com o celebrante principal ou separadamente. Se não, que êles as mantenham postas. Da mesma maneira, rezam em voz alta só aquelas orações que devem dizer ou individualmente ou com o celebrante principal; mas recitam-nas enquanto possível de memória, não com voz tão alta que sua voz se sobreponha à voz do celebrante principal. Entretanto, escutem ou rezem mentalmente as orações que não estão indicadas expressamente.

15. Se algum sacerdote servir de diácono, de diácono assistente ou de subdiácono na missa concelebrada, êle se abstenha de concelebrar na mesma missa.

O diácono, o subdiácono e os diáconos assistentes podem porém comungar sob as duas espécies; se forem sacerdotes, podem fazê-lo ainda que tenham já celebrado ou venham a celebrar.

16. O diácono, o subdiácono e os demais ministros e acólitos cuidem de não ficar no meio dos concelebrantes senão quando o requerer o seu ministério, segundo as rubricas; isso feito, logo se retirem.

Coisas a ser preparadas

17. Além daquilo que se requer para qualquer missa, prepare-se o seguinte:

a) tôdas as vestes sacras que o celebrante principal deve tomar, conforme as várias formas da missa;

b) amito, alva, cíngulo, manípulo, estola e casula para cada um dos concelebrantes;

c) uma hóstia bastante grande, ou muitas, consoante o número de concelebrantes, a ser partidas depois em partículas, e as hóstias para a comunhão dos fiéis. Quando a comunhão dos concelebrantes se faz *per intinctionem*, atenda-se a que as hóstias não sejam demasiado pequenas ou muito finas mas um pouco mais espêssas que de costume, de sorte que, embebidas parcialmente no Sangue, possam ser distribuídas cômodamente;

d) um cálice bastante grande ou, se tal não puder conseguir-se, mais um outro a fim de que seja suficiente para a comunhão de todos os concelebrantes;

e) bôlsas com corporal, ou, se fôr necessário, com vários corporais, pala e sanguinho para cálice e ainda outros sanguinhos para os concelebrantes;
f) patenas para a comunhão dos concelebrantes;
g) cálamos ou colheres de prata para cada um dos concelebrantes e um vaso com água para purificar aquêles, se o Sangue é tomado por cálamo ou colher;
h) livrinho com o ordinário da missa, se fôr necessário, para a concelebração;
i) vaso ou vasos com água para purificar os dedos;
j) cadeiras ou bancos para os concelebrantes, junto à cadeira do celebrante principal ou em lugar mais propício no presbitério.

N. da R. *Depois, seguem-se os ritos para a missa pontifical, para a missa solene, para a missa com diácono, para a missa cantada e para a missa "lida".*

ATIVIDADES DA CARITAS

As doações da Caritas da Alemanha perfizeram, no ano passado, para as ações de auxílio em países ultramarinos, em bens materiais e em dinheiro, um total de 3 milhões de marcos. De acôrdo com as informações recebidas da Central da Caritas, em Friburgo, eram êstes principalmente presentes de roupas. As remessas destinaram-se essencialmente à América do Sul, à África e à Índia. Outras ações de ajuda da Caritas haviam-se encarregado da remessa de medicamentos e de auxílio individuais.

(I. F., 04/02/65).

VIAJANDO DA EUROPA PARA O BRASIL QUASE DE GRAÇA...

Os religiosos que se destinam ao Brasil, procedendo da Itália, Espanha, Grécia, Bélgica, Holanda, Austria ou Alemanha, podem viajar como EMIGRANTES, gastando para sua passagem a importância mínima de Cr$ 45 000. O processo é fácil e rápido. Não há privilegiados!

Para qualquer informação, inclusive ato de chamada, favor dirigir-se à Conferência dos Religiosos do Brasil.

Não gaste dinheiro que poderá usar para obras apostólicas.

A Missão do Irmão Educador Requer Atualização Constante

Sua dupla missão: engajamento nas realidades terrestres da cidade celeste — Importância central do irmão diretor — Necessidade de "Seminários de Atualização Permanente para Diretores de Educandários" (SAPDEs)

IRMÃO CRISTÓVÃO TARCÍSIO, F.S.C.

Um dos setores que mais sofreram o impacto da evolução dos tempos é o educacional. Ao mesmo tempo é um dos setores cuja renovação está encontrando no Brasil maiores dificuldades. Por isso, apresentamos um artigo do Irmão Cristóvão Tarcísio que expõe a dupla missão do irmão educador e o meio para desincumbir-se delas: a reflexão constante em seminários.

A REDAÇÃO

A evolução dos tempos abala as estruturas tradicionais

1. A marcha acelerada da História gera constantemente situações novas que deixam o homem perplexo e desorientado. No interior da Igreja, verifica-se igualmente uma evolução veloz, estimulada pelo Concílio Vaticano II.

Esta mutação vertiginosa que faz estremecer as estruturas, inabaláveis durante séculos, provoca um desarraigamento dos indivíduos e cria uma crise de adaptação contínua.

Especialmente os educandários necessitam de atualização para poderem integrar-se na realidade terrestre

2. É claro que esta convulsão permanente e generalizada atinge profundamente a estrutura das congregações e institutos religiosos. De modo

particular aquêles que, por vocação, estão diretamente engajados no mundo, como é o caso dos irmãos docentes.

Aliás, além de ser êste um fato que deve ser considerado normal e positivo, há, para tais institutos, uma obrigação decorrente de sua vocação específica de serem fiéis à realidade humana em que atuam : sua missão é educar o homem para a vida real, terrestre e sobrenatural e, portanto, impõe-se o dever de uma *encarnação*, um engajamento na realidade do mundo, prolongando assim no tempo a Encarnação de Cristo.

A missão do irmão educador é dupla

3. Porém, se o educador é um *encarnado* na *cidade terrestre*, êle é, no seio desta cidade, uma *testemunha da cidade celeste*. Por isso, não pode jamais perder de vista os valôres eternos, o valor que a fé atribui às realidades terrestres. Educador cristão, êle tem a árdua e sublime missão de possuir e dar a visão cristã do homem e do universo, pelo testemunho de sua vida, pela filosofia que anima sua ação educativa. Isto, Deus e a Igreja esperam dêle. Esta é a única razão de ser como irmão docente. E é para ser fiel a esta missão que êle se enquadra numa estrutura religiosa.

O irmão educador deve encontrar na comunidade religiosa estruturas que lhe facilitem sua missão

4. A estrutura religiosa, portanto, é um meio que, orientado para seu fim que é a educação cristã, deve sustentar e auxiliar o indivíduo a se manter fiel à dupla dimensão de sua vocação, engajamento nas realidades terrestres e testemunho das realidades celestes. Esquecer ou minimizar um dêstes dois elementos, ou não integrá-los numa jerarquização equilibrada, seria trair a intuição primeira do fundador e trair a Igreja de Cristo que o envia.

Trata-se de uma responsabilidade coletiva

5. Engajar-se nas realidades terrestres e ser testemunho das realidades celestes é tarefa não só de cada irmão docente individualmente, mas também da comunidade religiosa coletivamente. Isto para que juntos possam assumir as responsabilidades inerentes a sua dupla vocação. Para ser união em espírito, ela não pode basear-se exclusivamente na obediência. União verdadeiramente humana supõe o exercício da liderança nas suas várias formas que são possíveis numa comunidade religiosa.

Em relação ao engajamento nas realidades terrestres — a missão de educar o homem de hoje — deve a união entre os irmãos concretizar-se através da formação e do aperfeiçoamento de uma equipe.

A dupla base para a atuação do irmão diretor

6. Em tudo isto, a pessoa do diretor é central. Dêle depende em grande parte a finalidade aos fins do instituto e à sua dupla missão neste mundo. O papel que lhe cabe no instituto em parte se baseia na autoridade da qual está revestido e à qual corresponde o dever de obediência dos súditos, e em parte se deve basear na liderança (*leadership*) que de uma ou de outra forma deve conquistar através de uma atuação que é aceita com agrado pelos súditos.

Sobretudo, na base desta liderança, êle deve estimular a reflexão pessoal sôbre os vários problemas que a missão comum suscita. Deve dar impulso, ser a mola mestra, o dínamo do progresso.

Na base de sua autoridade como diretor, êle deve coordenar os esforços e garantir o equilíbrio nas adaptações.

Por êstes motivos é em redor da pessoa do diretor que cada instituto deve voltar suas primeiras atenções.

É necessário criar para os irmãos diretores oportunidades de atualizar-se

7. Na hora presente, constata-se que, diante da rapidez na evolução das coisas, a tarefa dos irmãos diretores torna-se extremamente difícil : a sobrecarga de atenções e a exigüidade dos meios dão-lhes pouca possibilidade de fazer a síntese dos novos valôres trazidos pelo progresso e fazer sua integração na ação educativa. Êle necessita ser auxiliado.

Ademais, todos chegam ao cargo por *obediência*, na maioria dos casos sem uma preparação especial para função de tamanha envergadura e responsabilidade. Muitos, graças aos dotes naturais e à sua perspicácia, realizam um bom govêrno. Porém, quanto mais não renderiam se recebessem uma preparação adequada ! Não seria criminoso, então, permitir empirismo neste setor ? Não seria criminoso deixar o indivíduo render o mínimo de suas possibilidades ?

8. Diante destas considerações e a exemplo do que em redor se pensa — onde se vê homens de tôdas as profissões voltarem aos cursos e aos estudos periòdicamente, em busca de uma constante atualização — as congregações e institutos de irmãos docentes pensaram em organizar, periòdicamente, SEMINÁRIOS DE ATUALIZAÇÃO PERMANENTE PARA DIRETORES DE EDUCANDÁRIOS (SAPDEs).

Programa dos seminários de atualização permanente para diretores de educandários

9. A finalidade dêstes seminários é proporcionar aos irmãos diretores a oportunidade de atualizar-se. Na vida cotidiana, a complexidade do mundo moderno e a diversidade de tarefas que cabem ao diretor deixam-lhe, geralmente, pouco tempo para se consagrar à leitura e à reflexão.

Esta atualização deve visar a sua dupla missão : engajamento na realidade terrestre e ser testemunha da cidade celeste.

Por isso, os seminários devem focalizar a realidade brasileira, sobretudo a urbana, a dinâmica da evolução e os rumos que o progresso toma. Seriam convidadas personalidades de destaque e especializadas para focalizar os campos político-social, religioso e educacional.

Devem ser estudadas também : a teologia da vida religiosa, a teologia da vocação do irmão docente, direção de uma comunidade religiosa, teologia da educação em relação às realidades terrestres, condicionamentos psico-sociais da educação, pastoral dos educandários e administração escolar.

Círculos de estudo e troca de experiências facilitarão um maior aproveitamento e maior participação de todos.

O perigo do imediatismo

10. Para evitar imediatismo, os seminários não devem ser imaginados como cursos de receitas práticas e técnicas imediatistas. Embora devam êles estudar os problemas concretos, importa que o façam partindo dos princípios de base que fundamentam as soluções práticas. A reflexão deverá sempre proceder, determinar e animar a ação. Êles visam levar a um aprofundamento da cultura profissional do irmão diretor. Uma cultura profissional organizada, constantemente atualizada e progressivamente aprofundada.

Ambiente de amizade, indispensável para chegar a um trabalho de conjunto

11. Reunindo irmãos docentes de vários institutos e congregações, os SAPDEs deverão preocupar-se em criar um ambiente de profundo respeito, de caridade e de entusiasmo entre os participantes. Trabalhos comuns, trocas de idéias e experiências, discussões e mesas-redondas, a oração em comum, tudo deve levar a uma intercomunicação de bens, a um ânimo mútuo no apostolado, ao senso da responsabilidade que pesa sôbre o irmão diretor na hora presente.

O Tempo Atual Requer de Modo Especial Uma Formação do Coração da Jovem Religiosa

S. Lucie de la Trinité

TRATAR da educação afetiva da religiosa não é novidade. Êste tema importante tem retido, desde muito tempo, a atenção dos psicólogos e mestres espirituais. Entretanto, torna-se novamente oportuno, diante do fato da evolução rapidíssima do mundo atual e do papel que a Igreja entende desempenhar na edificação da sociedade moderna.

A Igreja tem um testemunho a dar ao mundo de hoje

Face ao jorrar de novas fôrças e, por contraste, de incríveis desamparos, ante um mundo tão preocupado em promoção técnica, econômica e social e ao mesmo tempo, tão caótico e materializado, a Igreja não está de modo algum estagnada em atitude de imobilismo ou de retirada defensiva. Pelo contrário, mais vigilante do que nunca, quer prosseguir na sua missão redentora. "Deus não enviou o Filho ao mundo para condená-lo, mas para que o mundo seja salvo por Êle" (*Jo*, 3, 17). Evidentemente, esta Igreja, Espôsa de Cristo Redentor, tem entabulado com o mundo atual um diálogo cada vez mais realista. Sob o generoso impulso de João XXIII e, atualmente, de S.S. Paulo VI, ela aproxima-se cada vez mais dos humildes e dos pobres, qualquer que seja a forma de indigência dêles. Quer apresentar ao mundo, em tôda a sua pureza e suas energias vitais, a doutrina e o espírito de Jesus Cristo; quer lembrar o verdadeiro sentido dos valôres espirituais e de caridade desinteressada. "A vida em sociedade... deve ser considerada antes de tudo como uma realidade de ordem espiritual. É, com efeito, permuta de conhecimento na luz da verdade, exercício de direitos e cumprimento de deveres; emulação na busca do bem moral; comunhão no gôzo nobre do belo em tôdas as suas legítimas expressões; disposição permanente para comunicar aos outros o melhor de si mesmo e aspiração comum a um constante enriquecimento espiritual. Tais são os valôres que devem animar e orientar tôdas as coisas (João XXIII, Encíclica *Pacem in Terris*, n.º 36).

A orientação do Concílio Vaticano II manifesta com evidência que o grande cuidado e a preocupação maior da Igreja é de natureza pastoral.

Traduzido de Revue des Communautés Religieuses, set.-outubro de 1963, pp. 214-223.

"A Igreja não trabalha para ela mesma, não é uma sociedade de privilegiados que se pode contentar com o gôzo da posse dos dons de Deus, desinteressando-se dos outros. Ela é feita para o mundo, a fim de lhe levar, em todo o tempo e no universo inteiro, os tesouros da luz e da vida divina que Jesus Cristo lhe confiou. Êle morreu para todos os homens e quer que todos sejam salvos por meio de sua Igreja" (*Carta pastoral da Quaresma*, 1963, de S.Em.ª o Cardeal Liénart).

O mundo espera um testemunho de modo especial das religiosas

É claro que no exercício sempre mais universal de sua missão salvadora, a Igreja pede que, ao lado dos padres e dos leigos cristãos, os consagrados tragam um testemunho que seja apêlo a Cristo. Um dos sinais mais manifestos da santidade da Igreja é precisamente o espetáculo da vida religiosa de fervor que libera a alma dos podêres do egoísmo e do pecado, abre-lhe plenamente a adoção divina e lhe dá, desde cá na terra, um prelúdio da alegria da *Cidade de Deus*.

"Fazer conhecer e estimar a perfeição evangélica é o esfôrço precípuo da pastoral cristã. Basta abrir o Nôvo Testamento para constatar que a Boa Nova foi semeada neste mundo por Cristo e pelos Apóstolos, não sob a forma de um mínimo estritamente ordenado, mas com todo o atrativo de amor que se prende ao *Conselho* (R. Carpentier, S.J., *La vie religieuse. Qu'en pense l'Eglise?*, p. 166).

Podemos desde já afirmar que nossas postulantes, noviças e jovens Não obstante as ideologias subversivas que nêle atuam, inconscientemente talvez, tem sêde de Deus. Está à espera dos que lhe levarão a mensagem desinteressada da caridade de Cristo, através do concurso humano e da ajuda fraterna. Está à espera da religiosa em particular, porque o mundo sempre tem necessidade de amor materno. A religiosa que realiza plenamente sua vocação leva-lhe ao mesmo tempo tôda delicadeza de um coração virginal e todo devotamento de uma ternura maternal, sublimados pela caridade do próprio Cristo. Se ela atende a tôda fraqueza, a tôda miséria, a todo sofrimento, é porque ela as descobre com o mesmo olhar de Cristo e porque o amor de Cristo, através dela, quer atender ao próximo necessitado. Não é mais o tempo — pelo menos para a maior parte das congregações de fim apostólico — em que a vida religiosa, mesmo de ensino ou hospital, se desenrolava numa cadência bastante pacífica, num quadro bem determinado, regular e ao abrigo dos muros do convento. Acham-se hoje religiosas tanto em meios universitários quanto em estabelecimentos de ensino de todos os graus e qualificações. Encontram-se religiosas enfermeiras em grandes hospitais e modestos hospícios, em dispensários urbanos e rurais; em grandes ajuntamentos superpopulosos como em meios operários, camponeses, marítimos. Há religiosas assistentes sociais em contato cotidiano com dramas de uma sociedade doentia; trabalhadoras familiais, confidentes de inúmeros infortúnios em famílias provadas; religiosas missionárias fiéis a seus postos em países agitados por espasmos da política

e muitas vêzes vítimas da miséria material e moral. Enfim, há alarmante penúria de irmãs e incessante crescimento de seu campo de atividade apostólica.

Esta tarefa traz para a religiosa exigências especiais

A responsabilidade da religiosa de hoje é pois, grave, tão profundamente enfronhada nas alternâncias da sociedade, tão vulnerável pelo fato da sua extrema impressionabilidade e das conseqüências de uma educação num meio menos preservado que outrora. Dever-se-á dizer que esta religiosa precisa de um sólido equilíbrio humano, sôbre o qual se apóie uma vida interior intensa, estruturada em virtudes teologais e cardiais esclarecidas e fortes. Esta religiosa precisa de uma abertura de espírito e cultura que lhe permitam compreender os problemas tão diversos nos quais ela estará inevitàvelmente metida. Mas também lhe é indispensável perfeita limpidez de olhar, uma sensibilidade amestrada, uma vontade reta e firme. Sua clarividência sobrenatural deve lhe fazer descobrir, no próximo, às vêzes tão miserável, a sublime realidade de filho de Deus. Nesta perspectiva, seu *serviço apostólico* será iluminado pelo amor puríssimo de Jesus Cristo, ao se adaptar às exigências da sociedade atual.

Atualmente a formação das religiosas é mais complexa

Entre os múltiplos aspectos da formação indispensável à religiosa de hoje, não nos deteremos aqui senão sôbre a formação efetiva. Tôdas as riquezas da sensibilidade feminina constituem magnífico depósito que pode facilitar o apostolado e com isso assegurar a eficácia e repercussão nas almas. Podem também apresentar um perigo, um obstáculo, conduzir as jovens a experiências traumatizantes, comprometer-lhes a irradiação e equilíbrio de sua vida consagrada.

A fim de melhor conseguir a finalidade que nos propomos, não parece inútil considerar de início as características da juventude feminina atual. Assim perceberemos melhor as lacunas a preencher, tendências a retificar, qualidades a desenvolver, virtudes a fazer desabrochar na caridade, para que as religiosas vivam plenamente sua consagração a Deus e a seus irmãos, guardando uma perfeita virgindade de coração.

Características de adolescência nas jovens religiosas

O esbôço que aqui traçamos não tem nada de absoluto; resulta de nossas observações, unidas às de inúmeras mestras de noviças ou de jovens professas. É um bosquejo que seria interessante completar com outras constatações.

Podemos afirmar que, confusamente, o mundo espera êste testemunho. professas, que amanhã iniciarão sua luta, têm enorme boa vontade e generosidade. Embora tendo uns 15 a 20 anos menos que as outras, já possuem

um belíssimo ideal. Todavia, é bastante curioso observar que, atualmente, a adolescência se manifesta em diversas idades. A jovem tem, freqüentemente, comportamento e reações de adolescente até aos 23 a 25 anos e mesmo mais. Assim, veremos que ela se entusiasma fàcilmente por um ideal, mas que manifesta em sua conduta alternativas de fervor e de depressões muito contrastadas.

Bastante exigente quanto ao ponto de vista de sinceridade e de autenticidade, é inimiga de todo conformismo, de qualquer estreiteza de espírito, de tudo quanto lhe pareça mesquinho. Mas descobrem-se nela, muitas vêzes, *sinceridades sucessivas*. No cuidado para ser verdadeira na expressão do que sente, ela manifesta por vêzes uma instabilidade algo desconcertante. Será que isto não explicaria a facilidade com que, na primeira crise séria (e qual é a que não a encontra ?), a jovem professa de hoje, freqüentemente, põe em dúvida a própria vocação ? Fala-se muito em engajamento, mas poderíamos perguntar-nos às vêzes se essa palavra não foi adoçada e se não perdeu a noção de *definitivo* que ela normalmente implica (quando se trata de um liame estabelecido pelo amor) e o sentido do *sagrado* (quando se trata da resposta ao amor de Deus).

A juventude moderna, fàcilmente e de boa fé, praticaria o que poderíamos chamar de *moral de situação*, isto é, para situações diferentes, princípios diferentes. Sem uma perfeita retidão de juízo e sentido sobrenatural muito precavido, tal oportunismo poderia conduzir a erros graves.

Seu julgamento sôbre a conveniência dentro do convento

Uma certa necessidade de absoluto pode também tornar a jovem religiosa demasiado radical em seus julgamentos e um tanto severa dentro da comunidade onde a fidelidade humilde ao dever não se reveste sempre da aparência de apostolado conquistador nem de santidade de grande brilho. Tem às vêzes uma concepção assaz superficial das virtudes religiosas e procurará espontâneamente grandes sacrifícios espetaculares, pobreza efetiva e material, ao invés da verdadeira pobreza do coração, do espírito, a pobreza de dependência, a renúncia obscura de uma vida de mútua tolerância em comunidade, as dificuldades lancinantes e continuamente remanescentes de um monótono mister cotidiano. Se não a sustentarmos e não a elevarmos a sublime dignificação sobrenatural destas humildes provações da convivência, ela se deixará deprimir e desencorajar.

Outra característica: maior independência

Muitas jovens gozam hoje em dia de uma grande independência. Como estudantes, passam longos meses afastadas da família, mais ou menos entregues a si mesmas. Habituam-se a tomar iniciativas, a defender suas idéias, a fazer exames. As melhores tomam parte nos organismos da Ação Católica. São convidadas a participar de círculos de estudos, a dirigi-los, a discutir os grandes temas atuais e, na ocasião própria, a expor suas reflexões em público; em geral, estão bem informadas e abertas às necessi-

dades do mundo atual. Outras, de condições menos favorecidas, entregam-se muito cedo a um trabalho remunerador. Manifestam também uma necessidade de independência, muito espírito de iniciativa e talvez uma grande preocupação com a eficiência e com o máximo *rendimento* do esfôrço pessoal. Êste traço de caráter pode comprometê-las no início de sua vida espiritual. Devem adquirir o sentido da gratuidade na homenagem prestada a Deus, por exemplo na oração.

Os anos críticos

Como estranhar se todo êste contexto de vida prepara, nas jovens que se apresentam ao noviciado, uma psicologia claramente diferente da de suas antecessoras? Psicologia que se ocultará talvez na esfera algo artificial do noviciado pròpriamente dito, mas que reaparecerá sem dúvida nos primeiros anos de profissão temporária e nos primeiros ensaios de atividade apostólica. Sua mentalidade oferecerá excelentes recursos, que evidentemente é preciso desbastar, amolecer, purificar, sobrenaturalizar e colocar progressivamente sob a influência educativa do Espírito Santo.

São atiradas

As jovens religiosas de nossos dias experimentam geralmente a necessidade de se exprimir, de se afirmar, mesmo se a sua personalidade é ainda inconsistente e muito influenciável. Fàcilmente tomam iniciativas e não temem responsabilidades. Gostam de discutir entre elas... e com suas mestras; de boa mente se reúnem em equipe, mas são em geral pouco inclinadas a amizades particulares. Manifestam o desejo de uma vida comunitária e familiar; aspiram a sentir suas mestras muito próximas delas e, por assim dizer, estar no meio delas. Perderiam o senso de autoridade e o tom de respeito com bastante facilidade. Todavia encontra-se muito mais raramente que outrora o tipo da noviça ou da jovem professa infantil que recorre, a cada instante, a sua superiora para resolver os menores problemas da vida cotidiana. As jovens de hoje habituam-se mais depressa a esclarecer e a resolver, elas mesmas, suas pequenas dificuldades, talvez com o risco às vêzes de posição um pouco errada. Em si, esta tendência é boa se seus julgamentos estão sendo bem formados.

Dificilmente aceitarão um costume e mesmo uma ordem cuja razão de ser elas não vêem. Sem querer entrar na atual discussão sôbre o valor da obediência cega, podemos dizer que no mínimo seria inábil pedir-lhes de improviso uma obediência cega que as agastaria. Para elas a obediência deve estar sobretudo de acôrdo com a razão; só pouco a pouco adquirirão maior facilidade de obedecer quando discordarem da ordem.

O amadurecimento do caráter sofre retardamento

A prolongação da adolescência acima anotada retarda o desabrochamento das qualidades femininas essenciais, a saber, a disposição para a silenciosa doação de si, para a imolação simples e sem rodeio, para a dedicação até o limite extremo de uma resistência particularmente notável. Estas qualidades inerentes à alma da mulher, e principalmente da mãe, aflorarão depois que as provações tiverem amadurecido a jovem religiosa. Serão sublimadas pelo objeto divino de seu amor e a ação transformadora do Espírito Santo, que se revela mestre incomparável de formação. Porém, os anos de noviciado e os primeiros anos de profissão podem ainda, muitas vêzes talvez, revelar os sinais de amor um pouco captativo, conforme a medida da graça recebida. O canto de oblação da alma permanece às vêzes envolvido em harmonia com a ressonância pessoal e egoísta, resto da mentalidade adolescente.

A fé e a caridade devem ser fatôres de equilíbrio

Depois dêste apanhado sintético, que o exame de cada caso pessoal levaria a nuanças infinitas, põe-se a questão : como ajudar as jovens religiosas a libertar-se de uma sensibilidade muito grande, de certa instabilidade, de excessiva avidez de sucesso ? Como protegê-las contra imprudências e desânimos ?

Não pretendemos multiplicar conselhos minuciosos ou técnicas concretas. Parece-nos que é preciso fornecer, para as belas qualidades da natureza e da graça, tanto um estimulante de escolha e decisão como também um poderoso fator de equilíbrio É do ardoroso São Paulo que emprestamos uma linha de conjunto : Que Deus "vos conceda, segundo seu glorioso tesouro, que sejais poderosamente robustecidos pelo seu Espírito em vista do crescimento do vosso homem interior. Que Cristo habite pela fé em vossos corações, arraigados e fundados na caridade, a fim de que possais compreender, com todos os cristãos, qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer enfim a caridade de Cristo, que desafia todo o conhecimento, e sejais cheios de tôda a plenitude de Deus" (*Ef* 3, 16-19).

Cremos que quanto mais a religiosa é chamada, pelo seu apostolado, a viver no meio do mundo e a mergulhar num ambiente que se caracteriza pela independência, pelo materialismo de busca de si mesmo e pela instabilidade na doação de si, tanto mais vulnerável é ela a êste estado de espírito, por causa de sua primeira educação e do ambiente em que viveu. Tanto mais é preciso envolvê-la sòlidamente num grande e vivo amor, que a prenda até o fundo da alma e a retenha numa fidelidade generosa. Êste amor é o da própria Pessoa do Verbo Encarnado, Salvador do mundo. Amor não baseado na sensibilidade e submetido por isso mesmo a múltiplas e imprevisíveis perturbações, porém verdadeiro amor de caridade, altamente orientado e estabilizado por uma doutrina segura, esclarecida pela

Sagrada Escritura e pelo Magistério da Igreja. Amor incessantemente vivificado pela oração e pelos sacramentos, notadamente o sacramento da Eucaristia, que de modo normal deve penetrar-lhe tôda a vida e fixá-la pouco a pouco em atitude de oblação redentora, em união com o Salvador.

Os primeiros tempos do apostolado são decisivos

Se durante o noviciado e mesmo no juvenato, as irmãs foram sustentadas por um ambiente coletivo de fervor, se foram motivadas de certo modo pela vida em grupo, cercadas pelos cuidados maternais, o momento em que elas se defrontarem com o apostolado direto pode tornar-se difícil e delicado, porque a impressão de isolamento interior e a confusão as espreitam. Devem elas então viver uma vida mais *pessoal*, baseada num verdadeiro espírito de fé e numa caridade sobrenatural autêntica. Sem dúvida, as comunidades que as acolhem estão dispostas a ajudá-las, a sustentá-las nas dificuldades, e geralmente as jovens professas são confiadas a superioras compreensivas, sobrenaturais e vigilantes. Importa, porém, conduzir o mais depressa possível as môças à maturidade de sua vida interior e torná-las religiosas adultas. A experiência prova, infelizmente, que algumas dificilmente atingem êste comportamento adulto em sua vida espiritual.

Contato íntimo com Cristo deve libertar sua sensibilidade de excessiva impressionabilidade

Parece-nos que o essencial é ajudá-las a encontrar verdadeiramente Jesus Cristo, isto é, a viver em contato íntimo com Êle, a descobrir seu espírito, a se esquecer de si mesmas para penetrar cada vez mais no sentido de sua consagração e a deixar-se guiar pelos aspectos positivos de seus votos, pelo valor inestimável de sua vocação, que as associa ao designio redentor do Filho de Deus. É no calor dêste amor sobrenatural que a alma da jovem religiosa será mais bem formada na ascese, na abnegação, na humildade, numa pureza de coração cada vez maior: Não se trata de moralismo proibitivo, porém de delicadeza na resposta ao amor de Deus : "Nisto consiste o amor : não em têrmos nós amado a Deus, mas em ter-nos êle amado primeiro" (*I Jo* 4, 10). Sua sensibilidade, libertada de uma excessiva impressionabilidade, dará a seu apostolado, com objetividade serena, uma nota de delicada ternura e de devotamento infatigável que caracteriza a mulher e sobretudo a mãe.

Amor à cruz indispensável para cultivar espírito de sacrifício

Julgamos ser de extrema importância dar, desde o início da vida religiosa, o amor à cruz, como devoção Aquele que nela se deixou cravar e morrer para salvar o mundo. A compreensão da Paixão redentora, incessantemente atualizada pelo Sacrifício do Altar, será ponto firme de apoio

à formação para a vida de abnegação e sacrifício que, normalmente, conduz a alma consagrada para a união ao Crucificado e para as alegrias da Ressurreição.

A doutrina do Corpo Místico é igualmente muito própria para desviar a alma de si mesma e das sombras da sensibilidade a fim de abri-la a infinitos horizontes. Devem as jovens religiosas compenetrar-se do sentido da palavra de São Paulo : "O que falta às tribulações de Cristo, completo na minha carne por seu corpo que é a Igreja" (*Col* 1, 24). Não há nisso um convite contínuo para dar mais e para permanecer no espírito de oferecimento por amor ? A certeza de ser chamado por Cristo e pela Igreja a uma maternidade espiritual e universal será para a jovem religiosa um estímulo para vencer as dificuldades dos anos de formação e os dissabores do apostolado inicial. É também num clima de fé e de caridade sobrenatural, expansiva, que devem ser estabelecidas as relações com o próximo, seja na comunidade, na equipe apostólica (padres, religiosos, religiosas, apóstolos, leigos), seja com as diversas pessoas para as quais o apostolado se dirige.

Autenticidade

"Os que se dedicam na prática à atividade do testemunho católico têm, mais do que qualquer outro, necessidade e dever de sustentar em si o conhecimento, a realidade e, de certo modo, a consciência de um contato vivo e pessoal com Cristo, por meio da graça, isto é, por meio de uma relação religiosa sobrenatural, de maneira a experimentar êles mesmos e mostrar aos outros que sua fé não é manifestação convencional de formas de pensamento já existentes, de hábitos ou de ritos, porém um princípio vital que confere absoluta sinceridade à sua profissão religiosa, uma convicção pessoal, uma fonte íntima de bondade, de vigor e alegria, uma exuberância interior que transborda desta caridade exterior à qual damos o nome de apostolado" (Paulo VI, *Alocução aos presidentes da Ação Católica Italiana*, em *La Doc. cath.*, 1963, col. 1059).

O valor do terceiro ano

Paulatinamente, conforme o ritmo da graça particular a cada alma, a jovem professa se definirá e achará seu equilíbrio afetivo e espiritual. É por isso que o acabamento da formação, a passagem do plano teórico do noviciado ao plano experimental do apostolado requer, da parte das superioras, vigilância atenta, bondade esclarecida e firme.

O *terceiro ano* que vai se introduzindo nas congregações, e cuja duração varia de dois meses a um ano, e os retiros de trinta dias para as que o desejam, parecem ser excelentes períodos de amadurecimento religioso e ajustamento definitivo, depois de um tempo precioso de experiência apostólica.

Contudo, tais períodos de formação intensa não serão plenamente eficazes se as jovens não forem preparadas para se entregarem com humildade, inteira disponibilidade e abertura ao Espírito Santo, que continua sendo o único Mestre de vida espiritual, a *luz* e o *doce refrigério* do coração (Hino *Veni Sancte Spiritus*), o educador íntimo da alma que tende à união divina.

Nossa Senhora como modêlo da maternidade espiritual

A quem quiser falar da formação do coração da religiosa, se apresenta espontâneamente o ideal de tôda alma consagrada: Nossa Senhora que é por excelência "a educadora da virgindade" (S. Ambrósio, *De institutione virginis*, c. VI, n.º 46) e o modêlo da maternidade espiritual. "É com a Mãe de Deus que começou a dignidade virginal" (S. Agostinho, citado pela Enc. *Sacra Virginitas*, n.º 63). É no seu Coração puríssimo que se expande a maior riqueza de amor por Deus e pelos homens, seus filhos. É nela que a alma religiosa encontrará o ideal do completo esquecimento de si mesma com vista a uma inteira disponibilidade para a caridade divina e uma incomparável fecundidade espiritual. Mãe de Cristo, Mãe de tôda a humanidade, sòmente Ela pode revelar à alma a alegria secreta do amor virginal que o Espírito Santo torna fecundo para a glória do Pai e do Filho.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE ESTUDOS PRIMÁRIOS (OMEP)

Comitê Nacional Brasileiro

Realizar-se-á, de 1 a 6 de junho próximo, a V SEMANA NACIONAL DE ESTUDOS PRE-PRIMARIOS. Serão abordados os seguintes assuntos:

— Importância da Educação Pré-Primária
— Formação das Jardineiras
— Relações do Jardim com a Família
— Atividades criadoras em geral
— Atividades musicais
— Literatura infantil

Informações à: *Rua São Clemente, 117*
RIO DE JANEIRO (ZC-02) — GB
(tel.: 26-8346)

CRB Informa

CRB-SP — De 18 a 24 de janeiro último, promoveu esta seção estadual da CRB, para sacerdotes e religiosos, um CURSO DE CULTURA CINEMATOGRÁFICA, patrocinado pela Faculdade de Economia de São Luís e dirigido pelo Revmo. Padre López, S.J. Além de haver exposições teóricas e práticas, foram exibidos os seguintes filmes : *Tortura do Silêncio, Antes do Dilúvio, Amôres clandestinos, A mãe, Os incompreendidos, Suave é a noite, O pagador de promessas, O homem do Riquixá, Morangos Silvestres* e *Os inocentes*. Os debates foram feitos em equipes.

CERIS-Rio — De 27 a 30 de dezembro do ano transato houve, em Petrópolis, o primeiro ENCONTRO DE PADRES SOCIÓLOGOS. Compareceram 13 pessoas. Está já programada nova reunião para janeiro de 1966, sôbre o tema : *a Igreja e o desenvolvimento*.

O Departamento de Estatística realizou de abril a novembro de 1964, por correspondência, um CURSO DE ESTATÍSTICA E ORGANIZAÇÃO DE SECRETARIA. Com êste curso, visou o Departamento dar a colaboração na formação de pessoal para a organização da Estatística das cúrias das circunscrições eclesiásticas e de pessoal para as secretarias de sedes de govêrno das ordens, congregações e institutos seculares.

Inscreveram-se 124 cursistas, entre os quais : sacerdotes, religiosos, seminaristas e leigos. Notáveis o interêsse e a pontualidade dos que chegaram ao fim.

XXIV SEMANA DE CANTO GREGORIANO

De 19 a 31 de julho próximo realizar-se-á, no Colégio Santo Amaro, Rio de Janeiro, mais uma semana de estudos do Canto Gregoriano, incluindo, ainda, a partir do dia 21 do mesmo mês, sessões do Método Ward para o 1.º e o 2.º anos.

Informações e inscrições : *Instituto Pio X do Rio de Janeiro, Rua Real Grandeza, 108, RIO DE JANEIRO, (ZC-02) — GB. (Tel. : 26-1822).*

CRB-SP Informa

O INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS E O DE PASTORAL CATEQUÉTICA FORMAM PRIMEIRA TURMA DE 40 DIPLOMADAS

Em São Paulo funciona, há três anos, o Instituto Superior de Ciências Religiosas Mater Christi, da CRB, que visa dar às religiosas o preparo necessário para os cargos de superiora, diretora de juniorato e outros cargos de responsabilidade. A duração do curso é de três anos.

Em coordenação com o "Mater Christi", funciona o Instituto Superior de Pastoral Catequética "Sedes Sapientiae", filiado ao ISPAC do Rio de Janeiro, iniciativa da CNBB. O curso tem a duração de um ano e visa dar uma formação intensiva a catequistas, tanto leigos como religiosos, para os vários níveis de ensino.

No dia 19 de abril último, realizou-se, sob a presidência de S. Em.ª o Senhor Cardeal Dom Agnelo Rossi, a sessão de colação de grau. As diplomandas assumiram solenemente o compromisso: *Eu,..., chamada, por mandato especial, a participar da missão evangelizadora da Igreja, prometo dedicar-me, com amor e fidelidade, ao estudo e à comunicação da mensagem de salvação do Senhor Jesus.*

Em resposta, o Senhor Cardeal pronunciou a fórmula da "missio canonica": *Batizadas e confirmadas pela unção do Espírito como testemunhas de Jesus Cristo* (At 1, 8), *quisestes, hoje, assumir um nôvo compromisso de fidelidade à missão da Igreja de anunciar a todos o Evangelho de Jesus Cristo.*

Considerando a formação aprimorada e específica que recebestes, comprovada a vossa competência pela apresentação do Instituto Superior de Ciências Religiosas Mater Christi e do Instituto Superior de Pastoral Catequética Sedes Sapientiae, como bispo, pastor desta diocese, e como presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, confiro-vos uma participação explícita na missão que Cristo nos confiou quando disse: "Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a tôda criatura" (Mc 16, 15).

Ide, pois, e "que a graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo esteja com tôdas vós" (II Cor 13, 13) *"para que possais anunciar a todos as insondáveis riquezas de Cristo"* (Ef 3, 8).

Em seguida, foram entregues os diplomas de bacharel a 40 diplomandas, das quais uma leiga, e as outras pertencentes a 16 congregações religiosas.

Ao dar esta notícia, a Conferência dos Religiosos do Brasil quer prestar homenagem às 40 diplomandas e sobretudo às 16 congregações religiosas que demonstraram espírito esclarecido enviando seus membros a êstes cursos, provàvelmente não sem grande sacrifício, num plano imediato, para suas atividades.

Pedimos ainda a atenção das superioras de outras congregações pela oportunidade que êstes institutos lhes oferecem com vistas ao aperfeiçoamento adequado — espiritual, teológico e pastoral — para as grandes responsabilidades que o tempo atual faz recair sôbre os ombros dos religiosos, em especial na América Latina.

Citamos ainda as palavras de Dom Agnelo Rossi : *"Entre as alegrias pascais, a maior alegria e a maior satisfação que eu tive, foi esta formatura. É a primeira a que assisto como Cardeal-Arcebispo de São Paulo. Agradeço à Conferência o presente dêste grupo de religiosas, formadas nestes institutos"*.

ENCONTROS

REUNIÃO DA COMISSÃO CENTRAL DA CNBB, no Rio de Janeiro, de 10 a 12 de junho

ENCONTRO NACIONAL DE PREGADORES DE RETIROS, no Rio de Janeiro, de 15 a 22 de junho

ENCONTRO NACIONAL DE RESPONSAVEIS POR CENTROS DE PEREGRINAÇÃO, em Petrópolis, RJ, de 19 a 23 de julho

ENCONTRO NACIONAL DE LITURGIA, no Rio de Janeiro, de 30 de junho a 5 de julho

SEGUNDA SEMANA DE PASTORAL para professôres de seminário maior, em Valinhos, SP, de 13 a 22 de julho

SEGUNDA ETAPA DO CURSO DE ATUALIZAÇÃO PSICO-PEDAGÓGICO, na Casa Provincial das Filhas da Caridade, à Rua Santa Amélia, 102, Rio de Janeiro, de 17 a 27 de julho

VII ASSEMBLÉIA GERAL DA CRB, para superiores e superioras maiores, de 21 a 23 de julho

ENCONTRO REGIONAL DE PREGADORES DE MISSÕES POPULARES, em Passo Fundo, em julho
(Dirigir-se ao Revdo. Pe. João Werner, C.SS.R., à Rua Dr. Barros Cassal, 767, Pôrto Alegre, RS)

Igreja Local e Evangelização

Por que a nossa paróquia atual tem características tão diferentes das da Igreja local dos primeiros séculos?

DOM SERAFIM FERNANDES DE ARAÚJO

A primeira parte dêste artigo, publicada no último número desta Revista, frisa como características marcantes das Igrejas locais nos primeiros séculos: o vínculo que elas mantinham com a Igreja universal e a preocupação que nelas existia pela evangelização. Sem dúvida, não se pode dizer que estas duas qualidades ainda marquem e caracterizem tão nitidamente as paróquias atuais. Estas se apresentam como institucionalizadas jurìdicamente. E a responsabilidade pastoral não está mais confiada a um colégio de sacerdotes, mas a um pároco que eventualmente é auxiliado por padres cooperadores. Como se deu esta transformação? A segunda parte dêste artigo procura dar uma resposta.

A REDAÇÃO

II

As grandes concentrações urbanas: o caso de Roma

A pastoral das grandes cidades devia, sem dúvida, levantar sérios problemas e tornar difícil o contato direto do bispo com seus fiéis. No século III, Roma tinha 30 mil cristãos entre uma população de muito mais de um milhão. Outras cidades, como Milão e Cartago, mantiveram uma só Eucaristia dominical mas esta solução não podia satisfazer: em Milão, no IV século, havia 40 mil cristãos e a *basílica nova* podia contar só 5 mil pessoas!

1. *Origem dos títulos presbiterais*

Uma solução interessante, seja pela flexibilidade, seja pela fidelidade ao ideal primitivo, foi aplicada em Roma desde o comêço: os títulos pres-

---

N. da R. — Por um lapso, saiu incompleta a frase final da primeira parte dêste artigo publicada no último número da Revista. O texto integral da mesma é: "O bispo não é mais o depositário fiel da Tradição evangélica, mas o missus dominicus (funcionário imperial).

biterais. A origem desta instituição parece estar no século III. Uma vintena de títulos, chamados ainda *domus ecclesiae*, deviam existir nessa época. Tratava-se de casas que uma pessoa generosa colocava à disposição da comunidade; provàvelmente cada casa continha uma sala para as reuniões litúrgicas, um batistério, quartos para a habitação do padre. A disposição geográfica dêstes *títulos* na cidade de Roma é curiosa; muitas vêzes estão perto um do outro, em vez de ser repartidos nacionalmente. Isto nos sugere que cada título reunia, provàvelmente, os cristãos originários de uma mesma região do império. Esta repartição étnica dos cristãos apresentava perigos reais. Sabemos que os montanistas eram freqüentadores do *título* de Monteno e, em Alexandria, os primeiros arianos foram os *paroquianos* do presbítero Ario. Mesmo sem chegar a êstes excessos, o perigo de tornar cada comunidade uma seita era real. Em Roma, os papas reagiram com uma política de centralização, mas bastante flexível.

> **Qual foi a origem dos títulos presbiteriais?**
>
> **Qual o perigo que ofereciam?**

2. *Títulos e centralização*

Os títulos foram confiscados mais de uma vez pelo Estado romano, durante as perseguições, e foram sempre devolvidos às mãos do Bispo de Roma, único idôneo a possuir em nome da Igreja. Isto facilitou a vigilância do Papa sôbre os títulos; Constantino, depois, fêz construir a catedral e o batistério para o Papa no palácio de Latrão. Pôde então o Papa cuidar diretamente de uma parte da comunidade. Os títulos conservaram a *pastoral ordinária*, isto é, a liturgia dominical e, em parte, a administração do batismo e da penitência.

Não só os títulos não foram absorvidos pelo Latrão, mas parece certo, (depois dos estudos de Chavasse sôbre o sacramentário gelasiano) que subsistiram em Roma ritos litúrgicos diferentes e que os títulos costumavam seguir um rito diferente do rito papal (por exemplo na Sexta-Feira Santa, a liturgia papal não compreendia a comunhão; pelo contrário, os simples fiéis podiam recebê-la nos *títulos*). No século VII é tolerada uma diferença de rito entre os diversos títulos por causa da presença, em Roma, de muitos gregos.

> **Qual função o Papa reservava para os títulos presbiteriais?**
>
> **Havia unidade de rito?**
>
> **Como era acentuada a união entre os títulos?**

A unidade real entre as diversas formas da pastoral não implicava uma uniformidade material. Mas um rito importante salvaguardava de outro lado a unidade: o rito do *fermentum*, originário do II século. A liturgia eucarística nos títulos não começava, se um acólito não trazia — como símbolo de união à liturgia papal — um fragmento de pão consagrado pelo Papa e destinado a ser mergulhado no cálice do celebrante. Êste costume continuará até o século VII e mais além para a liturgia do Sábado Santo.

3. *As basílicas e as estações litúrgicas*

Outra medida *centralizadora* foi a construção das basílicas; um historiador chama-as exatamente *catedrais de apoio*. As grandes basílicas eram destinadas a reunir, em certas ocasiões, o povo cristão, ordinàriamente espalhado nos títulos. Para guardar êste caráter *central*, as basílicas não tinham clero particular, mas estavam diretamente dependentes do Papa. E até Gregório Magno, a liturgia eucarística dominical não foi celebrada nas basílicas : outra era a finalidade delas.

Pelo contrário, as basílicas se tornaram cedo lugar de *estações*. Esta forma de reunião litúrgica desenvolveu-se sobretudo nos séculos V e VI, juntamente com o ciclo do ano litúrgico, e tornar-se-á a forma de celebração papal das festas e dos dias de jejum solenes. Trata-se ainda de uma forma de reunião que permite ao Papa reunir um grande número de fiéis e celebrar a Eucaristia em concelebração com seu clero. Mas, mesmo nesta época, no auge da concelebração, a liturgia dos títulos continua.

O Papa tinha a faculdade de percorrer tôda a cidade em quanto pastor supremo dos cristãos e enquanto os títulos aos poucos se tornavam basílicas e lugar de estações. Cada basílica titular possuía, no fundo da ábside, uma cátedra reservada ao único verdadeiro vigário da cidade : contudo, o presbítero titular tinha o privilégio de ocupar a cátedra durante a celebração da Páscoa.

Esta presidência local do padre, durante a celebração central do ano litúrgico, exprimia assim que esta presidência era o prolongamento da do bispo e que não tinha sentido senão em dependência da do verdadeiro titular da cátedra.

4. *Os diáconos a serviço direto do bispo*

Uma última instituição devia evitar a dispersão na Igreja de Roma : os diáconos. O diácono — segundo a *Tradição Apostólica* — "ordenado não ao sacerdócio, mas ao serviço do bispo". Os sete diáconos romanos eram essencialmente administradores delegados pelo Papa em cada uma das sete regiões da cidade. Êles moravam em Latrão, e cedo tiveram um papel importante na administração central da Igreja de Roma. Muitos papas foram, antes, diáconos. Mas os diáconos não eram padres : nesta época o sacerdócio é vivido em seu sentido pleno, em que o padre é ùnicamente pastor.

> **Como as basílicas favoreciam a união?**
>
> **Quais as duas características da pastoral de uma grande cidade?**

Esta descrição nos mostra os dois pontos característicos de uma grande cidade antiga : unidade e flexibilidade. Roma se apresenta como dirigida pela "autoridade episcopal que preside um cirêdo de instituições vivas e móveis". Esta ramificação das instituições devia permitir aos participantes da liturgia dos títulos sentir-se em comunhão com a Igreja romana e,

através dela, católica. "Os padres dos títulos prolongam o Papa, e a Igreja particular dêles não é senão uma especificação da única Igreja urbana, que é a Igreja do Papa. Um *título* não é uma paróquia, e a compensação da falta de autonomia é, para os padres, o direito de concelebrar com o Papa e de partilhar com êle alguns privilégios..." (Chavasse).

Evangelização do campo na época romana

A difusão do cristianismo fora das cidades colocou novos problemas e trouxe modificações à organização da Igreja local. A questão é saber se essa evolução foi fiel às origens. Aqui estudamos só o caso da Gália romana, onde grande foi o cuidado da Igreja em conservar às comunidades espanholas *extra civitatem* os caracteres da comunhão eclesial, evitando torná-las grupos sociológicos (como acontecerá, infelizmente, na cristandade medieval).

1. *Implantação da Igreja nas aldeias*

Quando São Martinho (bispo de 371 a 397) e seus colegas no Episcopado começaram a evangelização da Gália romana, a maioria da população vivia em grandes emprêsas agrícolas, chamadas *villae*. Estas amplas propriedades dominadas pelos *potentes*, formavam a base da vida camponesa; esta a origem de muitas aldeias de hoje. Mas, bispos e concílios recusaram, por muito tempo, estabelecer a Igreja nestes grupos humanos naturais, achando perigosa esta solução. Pelo contrário, começaram a evangelização partindo dos *vici*, que eram lugares de fácil acesso aos habitantes das *villae*, encruzilhadas, lugares de mercado, mais que de moradia. Com efeito, os habitantes dos *vici* eram uns poucos artesãos, vendeiros e agricultores. Os *vici* estabeleciam também um elo entre a cidade e o campo; através dêles o latim e a civilização romana ganharam campo. A evangelização seguiu o mesmo caminho; *pagani* foram chamados exatamente os camponeses ainda incultos e não civilizados.

Esta opção, esta preferência dos *vici* às *villae*, continha uma eclesiologia, embora implícita. Implantar a Igreja nos *vici* significava manter o caráter missionário, fazer dessa um simples *repetidor* da Igreja episcopal, destinado a irradiar sôbre o território de missão ao redor. Evitava-se assim fazer da Igreja local uma comunidade fechada sôbre si mesma, como podia acontecer nas *villae*. A Igreja local do *vicus*, pelo contrário, tornou-se o ponto de partida da evangelização do campo.

Os concílios reservam aos bispos o direito de fundar essas Igrejas locais, exigindo também que, depois da fundação, o bispo consagre boa parte de seu tempo (o verão) para visitá-las. Tudo isso precisava de tempo e esfôrço; não estranha que São Martinho de Tours, "apóstolo da Gália e fundador das paróquias", tenha fundado sòmente seis paróquias no vasto território de sua diocese. O número das Igrejas locais não episcopais será muito pequeno até a época carolíngia e sem comparação com a população de hoje.

> Por que, para a evangelização do campo, os bispos estabeleceram Igrejas locais não nos grupos naturais, mas nos *vici?*
>
> Como evoluiu a idéia de *paróquia?*

A comunidade local do *vicus* se apresenta como uma verdadeira Igreja; ao contrário dos *oratórios* concedidos, apesar de muitas resistências, às *villae*. Êstes últimos são servidos por um só padre, não têm batistério e os cristãos que os freqüentam têm a obrigação de comparecer à Igreja mãe (do *vicus*) nas festas maiores do ano litúrgico, pelo menos Páscoa, Pentecostes, Natal. A Igreja do *vicus* é, pelo contrário, como uma repetição da Igreja episcopal: é dotada de um clero que vive colegialmente ao redor de um superior, o *sacerdos secundi ordinis*: às vêzes encontra-se a assistência de um diácono ou de clérigos menores. O padre superior goza de tôdas as funções sacerdotais do bispo, exceto os privilégios episcopais: preside a concelebração eucarística, prega e batiza, mas usando o crisma consagrado pelo bispo. Enfim, trata-se de uma comunidade eclesial dotada de todo o sistema de *comunhão* que a torna uma encarnação da Igreja.

2. *Paróquia e repartição territorial*

Esta organização de missão junto dos *pagani* implicou também, imediatamente, uma repartição territorial? A coisa realizou-se devagar e com matizes interessantes. A evolução do têrmo *parochia* mostra-o:

— no começo, paróquia é o imenso território não evangelizado confiado a uma Igreja episcopal: êste território não é claramente delimitado, seja pela falta de organização do campo, seja porque os bispos preocupam-se mais com o apostolado do que com a organização;

— no VI século aparece já bastante clara a distinção entre diocese e paróquia no sentido atual do têrmo, mas os limites territoriais de cada paróquia (isto é, das Igrejas locais não episcopais, pràticamente as Igrejas dos *vici*) não são ainda fixados e as paróquias são coletivamente responsáveis, com o bispo, pelo território que deve ser evangelizado. É só depois que o têrmo paróquia significará a zona de fato evangelizada por uma Igreja local.

Dois motivos parecem ter evitado, na Gália, que um bispo fôsse colocado como chefe das Igrejas dos *vici*:

— a preocupação do Concílio de Sárdica de não enfraquecer a autoridade dos bispos, aumentando o número dêles;

— o pequeno número de cidades, bases da sociedade antiga (pelo contrário na Itália do Sul e na África o número dos bispos

foi muito grande, porque a civilização urbana era mais desenvolvida).

A paróquia de tipo feudal

Um último passo conduzir-nos-á à forma de paróquia comum em tôda a Idade Média e que chegou, muitas vêzes sem mudança, até nossos dias. Queremos mostrar como êste tipo é diferente, profundamente, das Igrejas locais que vimos até êste momento de nosso estudo, e como é difícil encontrar neste tipo os caracteres que tornam a Igreja uma comunidade.

1. *Origem das "Igrejas particulares"*

A época romana e merovíngia (VI — VII séc.) permitiu a fundação de alguns *oratórios* nas *villae* do campo, mas tudo fêz para evitar a criação de Igrejas independentes.

As circunstâncias históricas, com os carolíngios (VIII séc.), vão mudar profundamente a situação. O problema da restituição, à Igreja, das terras confiscadas por Carlos Martelo em favor de seus mercenários foi resolvido com o sistema da dízima. Os canonistas que acharam esta solução não imaginavam as conseqüências pastorais. Com efeito, os proprietários, que pagavam uma dízima elevada, queriam ver os frutos concretos dêsse dinheiro. Todos aquêles, cuja dízima era suficiente para manter um padre e satisfazer a organização do culto, exigiram e conseguiram um padre e uma *Igreja particular*. Estas multiplicaram-se de modo admirável e os responsáveis da Igreja carolíngia abençoaram tal movimento de fervor religioso, sem suspeitar dos perigos que trazia consigo.

2. *Perigos da mentalidade feudal*

Também os responsáveis da Igreja são, nesta época, influenciados pela mentalidade germânica. Nesta mentalidade o pai de família é a célula da sociedade e o responsável por tudo aquilo que acontece no território de sua propriedade, mesmo na vida religiosa. Era natural que os chefes das famílias germânicas, abraçando o cristianismo, exigissem tomar nas mãos também a organização da nova religião. Por outro lado, faltando-lhes o conceito de personalidade jurídica, não tinham outra solução senão pôr nas mãos do *senhor* do lugar a posse da Igreja estabelecida em território próprio.

Esta mentalidade vai produzir a sociedade feudal, baseada sôbre contratos privados entre dois homens livres. Desde o século IX, êste contrato pessoal evoluirá para uma forma de contrato *real*, selado pelo presente do senhor ao vassalo de um *beneficium;* desde êste momento a mística da palavra dada tornar-se-á a fidelidade a coisa recebida.

Um último traço da mentalidade carolíngia, com relação à Igreja, é que se considera acabada a evangelização. Todos os súditos do império

são cristãos (ou devem sê-lo, mesmo à fôrça). No pensamento dos carolíngios, a Igreja, mais que o prolongamento missionário, de Cristo, é um fator de estabilidade do império. Carlos Magno escolherá seus funcionários entre o clero, servir-se-á dos bispos como de instrumentos do reino e tomará em suas mãos a própria reforma da Igreja.

3. *O vigário beneficiário e inamovível*

Como conseqüência desta mentalidade, o padre, que está ligado às grandes propriedades rurais (e que se tornou então o tipo comum do *vigário de paróquia*) é também um *vassalo*. Continua dependendo do bispo, mas é ligado por um contrato de serviço em troca de proteção do senhor feudal; de outro lado, é engajado a satisfazer às necessidades religiosas dos habitantes de seu benefício. Enfim, sendo imutável o benefício, também a função sacerdotal torna-se imutável; surge uma categoria de padres inamovíveis.

Será também o revolvimento dos valôres: partindo da fórmula *beneficium propter officium*, chega-se a um prosaico *officium propter beneficium*; a razão de ser do zêlo apostólico não é mais diretamente a missão, mas a fidelidade ao benefício recebido que deve... prosperar.

Não podemos deduzir por esta análise que todos os padres das Igrejas particulares foram ociosos. Não julgamos os homens, mas uma instituição, cujos perigos não foram evitados. (Por outro lado, a vida do clero da Idade Média não é muito conhecida; contudo, não parece ter sido um modêlo de vida sacerdotal...). Sem dúvida, a idéia de estabilidade é ligada ao estabelecimento do clero local; mas aqui o motivo da imutabilidade visa mais o benefício que a cura das almas. Os padres considerar-se-ão mais como administradores de um bem da Igreja; por outro lado, as mínimas exigências espirituais do rebanho, a êles confiado (sentimentalismo religioso apenas saído do paganismo) conduzirão muitas vêzes a uma mediocridade satisfeita, que demasiadas vêzes é inseparável da fixação numa função.

Conclusão

Por que, no tempo dos carolíngios, as paróquias perderam seu impulso missionário?

Qual foi, neste contexto, a função dos monges evangelizadores etc?

A esta altura pensamos poder acaabr nosso estudo. E as paróquias da cidade? Não deixamos de lado uma parte importante da vida da Igreja? Nossa opinião é que a paróquia urbana foi, o mais das vêzes, a reprodução da paróquia rural. As duas deixaram de ser um degrau da evangelização para fechar-se sôbre si mesmas, tornando pràticamente impossível uma pastoral de conjunto para os bispos da Idade Média.

Afinal de contas, a paróquia não é a reprodução vagamente religiosa de uma realidade puramente sociológica, a aldeia, cujo espírito de bairro,

fechado sôbre si mesmo e preocupado com problemas mesquinhos, ela, a paróquia, reproduz muito bem. Esta conclusão não é excessiva, se pensarmos no clero secular da Idade Média.

A tarefa da evangelização será garantida pelos monges evangelizadores: os cônegos regulares, as ordens mendicantes e os jesuítas. Mas êstes últimos, para realizar seu ideal apostólico, deverão separar-se das comunidades locais medievais e ligar-se diretamente ao Papa. A mentalidade feudal continuará nas instituições, influenciando os espíritos até hoje.

Cabe agora ao teólogo dar relêvo aos elementos que, na paróquia de hoje, permitirão aos fiéis que se sintam em comunhão com a Igreja universal.

Como historiador, posso afirmar que não é possível deduzir dêste estudo que a paróquia não é apta para a evangelização. Pelo contrário, a história da Igreja conheceu, antes da Idade Média, diversas formas de comunidades locais que respondiam perfeitamente às exigências da missão e que mereciam o nome glorioso de *Igreja de Deus peregrinante em Smyrna* ou em outro lugar da terra.

PEDIMOS AOS ASSINANTES DA REVISTA DA CRB

Freqüentemente recebemos cartas, pagamentos ou reclamações sem que possamos identificar o remetente: ou porque faltam dados, ou porque o endereço do remetente é diferente do endereço no nosso fichário. Por isso, pedimos encarecidamente êste favor: que recortem e nos mandem o endereço escrito no envelope dentro do qual lhes é enviada a revista.

Êste recorte contém o nome da Congregação, nome da Casa, Rua e ou Caixa Postal, Cidade e Estado.

Também quando há necessidade de corrigir o endereço, pedimos que nos mandem o recorte com o endereço antigo, conforme lhes é expedida a revista.

Obrigado

A ADMINISTRAÇÃO DA REVISTA

Pastoral Especial

Em Junho Haverá no Rio Primeiro Encontro Nacional de Pregadores de Retiro

São os retiros espirituais poderoso instrumento de renovação da Igreja. Por êles se opera aquela pessoal e profunda conversão ao reino de Deus, transformação de mentalidade e orientação definitiva de tôda a vida, segundo os desígnios do Pai, manifestados em Jesus Cristo, a qual é o fundamento e o princípio, pela graça do Espírito Santo, da vitalidade e do dinamismo do Povo da Nova Aliança

Por esta a CRB se dirige aos religiosos que pregam retiros (e temos a impressão de que a maioria dêstes pregadores pertence ao estado religioso) e, indiretamente, também aos religiosos e às religiosas que regularmente fazem seu retiro, a fim de que todos tomem conhecimento do papel que o retiro deve exercer na vida espiritual de cada um e na vida cristã dentro da Igreja. Os pensamentos que apresentamos aqui foram-nos fornecidos pelo Secretariado Nacional da Pastoral Especial (Ladeira da Glória, 29, Cx.P. 85—ZC-01, Rio de Janeiro, GB), *cujo Subsecretário é o Revmo. Padre Virgílio Rosa Netto, C.SS.R., por ocasião do encontro nacional de pregadores de retiros, a ser realizado na Casa de Retiros anexa ao convento Nossa Senhora do Cenáculo* (Rua Pereira da Silva, 135, Laranjeiras, Rio de Janeiro, GB, Tel.: 25-8133) *de 15 a 22 de junho.*

A REDAÇÃO

O Concílio: grande retiro espiritual da Igreja

Agora que o Concílio vai se aproximando do têrmo do imenso labor de fixação de diretrizes, aparecem mais nítidas as características estruturais da grande obra de renovação.

Refletem elas não tanto projetos humanos, mas as intenções do próprio Deus. O Concílio, através de muitas vicissitudes, muito além do que poderiam prever e prover os seus promotores, se articula e se organiza em maravilhoso corpo de doutrina e diretrizes pastorais, visivelmente vivificado pelo sôpro do Espírito Santo.

Assim é que, surpreendentemente, o Concílio se nos apresenta, hoje, no seu íntimo e inspirado dinamismo, como um retiro espiritual em dimensões de Igreja. Jamais se viveu na Igreja, em profundidade e extensão tão universais, aquilo que constitui a essência mesma dos exercícios espirituais.

1) A Igreja em Concílio procura contato mais íntimo com o Mistério de Cristo, no seu contexto original e atual da História da Salvação :

a) aprofunda o sentido da Palavra de Deus, oferecida na Revelação;

b) promove a participação mais consciente, mais ativa dos fiéis no dinamismo dêsse Mistério de vida, através da Sagrada Liturgia.

2) A Igreja entra, assim, com decisão mais esclarecida e firme no movimento da Páscoa de Cristo, que é de passagem da morte à vida em Deus, de volta ao Pai em obediência e amor, no serviço da humanidade, na comunhão do Espírito Santo. Toma a Igreja consciência mais ampla de sua vocação, em tôda a sua largueza, extensão, sublimidade e profundidade; a de ser o Mistério do Reino dos Céus em edificação no Universo. E assume com renovado empenho a sua missão perante o mundo : a de ser presença e testemunho de pobreza no serviço de Cristo, e oferecimento de riqueza na comunhão do Espírito de Amor.

Os retiros: para renovação da mentalidade, preconizada pelo Concílio

As finalidades previstas nos planos de Deus, ao promover o Concílio Ecuménico Vaticano II, exercício espiritual da Igreja, sòmente serão atingidos, se, dos textos conciliares, passarem as diretrizes de renovação à vida pessoal de cada um dos que foram chamados a constituir o povo de Deus.

Os retiros, em tôdas as suas formas, serão o instrumento próprio para a renovação da mentalidade segundo a vontade do Pai, manifestada em Cristo e na sua Igreja reunida em Concílio. Serão o instrumento próprio para despertar a consciência de Igreja e reavivar o entusiasmo da militância missionária no mundo de hoje.

É necessário, pois, que os retiros se coloquem inteiramente a serviço da renovação da Igreja, segundo as diretrizes do Concílio.

Os pregadores de retiros devem assimilar a espiritualidade do Concílio

Para que isso se obtenha será necessário, primeiramente, que os pregadores e diretores de retiros assimilem as grandes linhas de renovação do Concílio, numa palavra, estudem e aprofundem a espiritualidade do Concílio Vaticano II.

Será êste o primeiro objetivo do Encontro de Pregadores de Retiros. Do estudo dos textos conciliares procuraremos tirar as linhas mestras da profunda espiritualidade que a Igreja propõe em nossos dias, como alma de tôda a renovação.

A espiritualidade do Concílio não será pròpriamente inovação, no sentido de abertura de caminhos, até agora desconhecidos, nem substituirá as seguras vias que nos oferece a multiforme tradição das muitas escolas, inspiradas pelo mesmo Espírito Santo e aprovadas pela autoridade eclesiástica. Resultará, antes, do aprofundamento dos aspectos essenciais e comuns da vida cristã e constituirá, acima de tudo, integração, visão teológica de conjunto, tão necessária à Igreja de nossos dias.

A rica variedade de espiritualidades, de métodos, contribuirá para que seja mais completa e sincera a síntese que se procurará obter daquilo que é essencial.

Os retiros devem levar à opção fundamental, incluindo conversão para vida em comunidade e conversão de dimensão missionária

O segundo objetivo do Encontro será o estudo da aplicação do esfôrço de renovação do Concílio à realidade eclesiástica e humana, na qual se exercerá o apostolado dos retiros. Primeiramente, será preciso encarar o problema da inserção da pastoral dos retiros no plano da pastoral de conjunto.

No espírito do Concílio, é impensável que se promova a renovação da Igreja, que é conduzida por um mesmo Espírito e regida pelos Pastôres unidos colegialmente em espírito de serviço e comunhão, a não ser pelo trabalho em conjunto.

Para o Brasil, representou o *Plano de Emergência* do Episcopado feliz antecipação da promoção dessa maneira integrada e comunitária de exercer a pastoral, hoje preconizada pelo Concílio para tôda a Igreja. O plano de pastoral de conjunto do Episcopado está sendo atualmente revisto, à luz das decisões conciliares e da experiência realizada. O Encontro de Pregadores de Retiros poderá oferecer preciosa contribuição ao seu aprimoramento, sob a forma de aprofundamentos teológicos e espirituais que lhe formam a indispensável base.

Dentro de um plano de pastoral de conjunto, cabe aos pregadores de retiros a responsabilidade de conduzir os fiéis a reconhecerem a vocação que Deus lhes reservou na Igreja. Torna-se necessário ampliar os horizontes e não omitir, ao se promover a opção fundamental, a consideração dos aspectos comunitários envolvidos na conversão; conversão para vida em comunidade de Igreja, conversão que terá necessàriamente, segundo a vontade do Pai, a sua dimensão missionária: a de participação no Mistério de presença atuante no mundo da Salvação em Cristo.

Será pois de desejar meditem os pregadores no contexto do Mistério da Igreja, à luz da doutrina conciliar, a teologia das diversas vocações e se esclareçam sôbre os fundamentos de uma espiritualidade para o clero, para as religiosas, para os leigos, para os cônjuges, para os jovens etc.

Igualmente, segundo os princípios de uma autêntica pastoral de conjunto, integrada também na linha das ações salvíficas, será de utilidade estudar a atualização litúrgica daquilo que é o conteúdo espiritual dos retiros. "A Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana tôda a sua fôrça" (*Const. sôbre a Sagrada Liturgia*, 10).

Os pregadores de retiro devem estudar a realidade humana

Será igualmente necessário que se dê tôda a atenção à situação religiosa das pessoas às quais se pregam os retiros, segundo a diversidade das regiões, dos meios, dos ambientes.

Sòmente do confronto esclarecido das diretrizes pastorais do plano de Deus com a realidade humana, na qual se exerce a ação apostólica dos retiros, poderão os pregadores tirar elementos para o cumprimento de sua função mediadora em Cristo: só assim estarão em condições de realizar a encarnação da mensagem: fazer com que se torne presente a Palavra de Deus, em têrmos de verdadeiro diálogo, de início de conversa, através da qual se estabeleça a misteriosa Aliança, à qual Deus todos convoca em Cristo.

Será oportuna, pois, a revisão dos elementos essenciais de uma pedagogia dos retiros. Igualmente útil a consideração dos condicionamentos próprios ao homem de nossos dias nos seus diversos meios: juventude, universitários, dirigentes, técnicos, religiosos etc.

Algumas medidas de caráter prático a serem tomadas

Por último, o Encontro visará tomar algumas providências de caráter prático e concreto, tendo em mira especialmente:

a) a comunhão dos pregadores de retiros entre si com os responsáveis pela pastoral de conjunto (Secretariado Regional, Boletim, Encontros);

b) o aprimoramento da formação teológica e pedagógica dos que exercem o apostolado dos retiros (elaboração de um Diretório para Pregadores de Retiros, cursos superiores de espiritualidade).

Em Julho, o Primeiro Encontro Nacional de Responsáveis Por Centros de Peregrinação

É um fato que a maioria dos centros de peregrinação está nas mãos de religiosos: Aparecida, Congonhas, Bom Jesus da Lapa, Nossa Senhora da Penha, em Vitória, etc. Isto se explica em parte pelo grande número de confissões, para as quais só congregações religiosas podem providenciar confessores em número suficiente. É nos centros de peregrinação que muitos católicos encontram a oportunidade mais fácil para cumprir o preceito pascal. Certamente interessará a êstes religiosos o Encontro Nacional de Responsáveis por Centros de Peregrinação a ser realizado em Petrópolis, na sede do Centro de Formação Intercultural (à Rua Benjamin Constant, 280, Cx. P. 277, Tel. 4285) *de 19 a 23 de julho próximo. Contudo, dentro do plano de conjunto, deve interessar a todos que de uma ou de outra maneira entram em contato com romeiros. O encontro é organizado pelo Secretariado Nacional de Pastoral Especial da CNBB* (Ladeira da Glória, 99, Cx. P. 85—ZC-01, Rio de Janeiro, GB) *cujo Subsecretário, o Revmo. Padre Virgílio Rosa Netto, C.SS.R., elaborou o programa.*

A REDAÇÃO

Urge uma reflexão sôbre a pastoral de romarias

Os centros de peregrinação representam no Brasil uma forma de pastoral *concentrada*. Proporcionam ocasião periódica de contato, muitas vêzes única, da Igreja com milhões de fiéis que vivem esparsos na imensidão do território pátrio. De um lado as romarias são a expressão autêntica e coletiva de profunda religiosidade, do outro exigem dos responsáveis uma pastoral, sob a forma, principalmente, do sacramento da penitência e das pregações de circunstância (novenários etc.).

Em face da renovação pastoral da Igreja (Concílio Vaticano II e Plano Pastoral do Episcopado) e talvez ainda mais por motivo de rápida transformação sócio-cultural de nossas populações que repercute em sua vida religiosa, impõe-se uma reflexão e revisão por parte dos responsáveis

da pastoral de romarias sôbre o fenômeno religioso e a resposta pastoral que está a exigir.

A comunicação da experiência realizada no Santuário de São Francisco em Canindé, Ceará, nos anos de 1963 e 1964, por inspiração de S.Ex.ª Dom José de Medeiros Delgado, Arcebispo Metropolitano de Fortaleza, levou a Conferência Nacional dos Bispos, reunida em Roma, durante a Terceira Sessão do Concílio, a programar um Encontro Nacional de Responsáveis por Centros de Peregrinação em 1965.

Programa do encontro nacional

Nos primeiros dois dias estudar-se-ão os aspectos sócio-religiosos, antropológicos e teológicos do fenômeno romaria : promessa — milagre — cumprimento da promessa. O pedir graças. A ação de graças.

1.º dia : Aspectos sócio-religiosos e antropológicos.

2.º dia : Confronto com a teologia. Opções pastorais fundamentais à luz da teologia do Vaticano II e em vista da realidade brasileira.

Nos dois últimos dias procurar-se-á dar a resposta pastoral prática : primeiramente enquanto é da responsabilidade de todos os agentes pastorais do território de irradiação do centro de peregrinação; em segundo lugar, no que diz respeito ao atendimento dos romeiros no próprio centro de peregrinação.

3.º dia : Qual a função do Regional da CNBB, das dioceses, das paróquias e outras instituições e agentes pastorais junto aos romeiros em vista da romaria? Como prepará-los, como acompanhá-los? Problemas do entrosamento da pastoral pelo rádio e imprensa promovida pelos centros de peregrinação com o plano pastoral de conjunto.

4.º dia : Como deve a Igreja apresentar-se ao romeiro no próprio centro de peregrinação, nesse contato tão rico de motivação religiosa ? Como há de proporcionar o encontro com Cristo através da palavra (catequese, pregação), através da liturgia (a confissão, os casamentos, a eucaristia), através da comunidade de caridade (problemas de acolhimento, os abusos do comércio, a imoralidade, a colaboração do poder público na promoção humana dos romeiros) ? Como realizar tudo isso sem perder o sentido original da romaria ?

Contará o Encontro com a colaboração de uma equipe de sociólogos, antropólogos, teólogos e, principalmente, com a reflexão, a base da experiência vivida dos próprios responsáveis por centros de peregrinação.

A equipe responsável pela experiência de Canindé — entre outros Frei Rolim, O.P., sociólogo, e Padre Miguel Câmara, coordenador pastoral — comunicará os resultados obtidos. Trará assim ao encontro uma sólida base de experimentação e contato com o real.

A NOSSA PASTORAL FALTA UM PLANEJAMENTO EFICIENTE

A diferença entre planejamento autoritário e democrático

Em julho de 1964, organizou a CRB, na Casa Nossa Senhora da Paz, um curso de pastoral. Continuamos aqui com a apresentação das observações principais dos círculos de estudo.

A REDAÇÃO

Pergunta : Qual é o devido lugar do planejamento na pastoral ? Queiram-se etapas ?

Resposta : Através dos mistérios da Encarnação e da Igreja, vê-se que, de acôrdo com o plano de Deus, o trabalho humano se tornou instrumento de salvação. Mas um trabalho humano se exerce necessàriamente de modo humano, inteligente, devendo ser planejado, visando meios e obstáculos. Assim, o planejamento ocupa um lugar necessário, fundamental, na pastoral.

Aliás, tôda emprêsa supõe necessàriamente um planejamento para suas realizações. Ora, a Igreja tem a seu cargo a maior e mais importante de tôdas as realizações, que é a redenção do mundo. Logo, isto supõe um planejamento por parte dos instrumentos humanos, encarregados desta realização.

Na realidade, o que existe na nossa pastoral dificilmente merece o nome de planejamento. Isto se deve à falta de pessoal que tenha experiência em orientar um planejamento eficiente. Por isso, a longo prazo, a solução será a formação de pessoal para êsse fim. Esta formação deve incluir estudo teórico dos problemas e métodos do planejamento, como também o exercício prático.

Não se pode negar que grande parte da falta de planejamento reside na indiferença originada na nossa formação estática e dogmática. No tempo do seminário, fomos educados na mentalidade de que os nossos manuais eram válidos para sempre e para todos os lugares, de sorte que caíamos na ilusão que, após o currículo filosófico e teológico, nada mais haveria que

aprender. O padre que sai do seminário corre perigo de sentir-se suficientemente preparado.

Deficiências do nosso planejamento pastoral

Em nosso planejamento pastoral podemos apontar as seguintes falhas: não aproveitamos a inteligência, a experiência e a boa vontade dos leigos. Não temos bastante confiança nêles. Por isso, não são motivados para uma colaboração leal. Os leigos são considerados bons colaboradores apenas no sentido de auxiliares e executores de nossas ordens. O planejamento pròpriamente dito, a reflexão sôbre os problemas, a descoberta das soluções adequadas e a elaboração das etapas ficam reservados para o próprio clero. Só depois entra o leigo, isto é, na hora da execução. Com isso o nosso planejamento torna-se paternalista e clericalizado. Ao mesmo tempo se distancia da realidade, pois, querendo ou não querendo, o clero e o laicato vivem sempre distanciados psicològicamente um do outro. O clero sem o laicato não pode conhecer com bastante realismo o mundo de hoje.

Peca-se por idealismo: impingimos planos mentais ao mundo e não extraímos do mundo nossos planos.

Quando outros apresentam um plano, a mentalidade paternalista se manifesta em não admitir margem de (inevitável) imperfeição e êrro e em querer corrigir tudo até que o plano seja perfeito.

Não há escalas de valôres. Não se equacionam os problemas segundo uma jerarquia, dando prioridade às questões que realmente a merecem.

Não temos costume de fazer revisão dos nossos planos, de modo que nunca aprendemos com os fracassos. Adquirir experiência sem fazer regularmente revisão é um processo muito penoso.

Que se entende por planejamento?

Para maior esclarecimento das observações feitas pelos círculos de estudo sôbre paternalismo no planejamento, a Redação desta Revista junta aqui um trecho do livro *Educação de Grupos*, do Dr. J. Arthur Rios.

Êle distingue entre planejamento democrático e autocrático — os dois tipos — aos quais qualquer planejamento social pode ser reduzido.

"Há dois tipos de planejamento, que se deve, de início, distinguir. O mais conhecido entre nós é o planejamento autoritário cujo maior característico não é exatamente emanar de serviços estatais, e sim, partir sempre de cima para baixo, dogmàticamente, em geral de um só indivíduo ou grupo, sem ampla consulta a outros técnicos e organizações...

O planejamento chamado democrático pode partir de uma instituição oficial ou oficiosa: seu traço típico é ser elaborado de baixo para cima,

constituir, na realidade, a média das opiniões do grupo interessado. Em geral, o plano autoritário emana de um tipo de líder que fàcilmente degenera no chefe totalitário...

O conceito de planejamento democrático é o de processo normal e não o de medida de exceção à qual só se recorre em momentos de crise. É a maneira habitual para o homem de modificar o meio ambiente e, na medida dos seus conhecimentos científicos e de suas técnicas de trabalho, controlar sua própria adaptação...

O planejador totalitário, que sofre de grupofobia costuma crer que o plano deve ser elaborado apenas pelos técnicos e, uma vez concluido, tem de ser discricionàriamente aplicado. Esta concepção, falsa e tecnicista, leva a equívocos trágicos. O plano será mais adequado se consultar mais de perto os desejos e aspirações da comunidade. Sua execução se desenvolverá sem tropeços, se os responsáveis locais acompanharem de perto e, até mesmo, influenciarem sua elaboração. Os planos aplicados de cima para baixo raramente dão resultado porque o administrador esquece a parte mais importante — o administrado, o homem a quem o plano se destina com suas atitudes peculiares, sua bagagem cultural, seus preconceitos e sua infinita capacidade de resistência a tudo que lhe parecer contrário a sua maneira de viver.

O planejador tem de se convencer que não é êle quem conhece melhor o que pode convir ou não a uma comunidade. É a própria comunidade. Por isso, tantos planos feitos nos gabinetes oficiais, com o maior rigor da técnica, sem a menor participação dos interessados, fracassam fragorosamente. O que o planejador pode fazer, é descobrir, identificar os objetivos concretos do grupo, auxiliando-o a exprimi-los e a defini-los em têrmos de problemas, equipamentos e recursos...

O planejamento democrático é essencialmente educativo. Consegue essa finalidade por um duplo caminho : 1) informando os grupos interessados de todos os passos necessários e sua efetivação e 2) associando-os estreitamente aos técnicos em tôdas as suas fases, desde a elaboração até a execução...

Esquema : Rotina — Consciência de problema — Confusão de propostas — liderança — definição de plano — execução" (pp. 163-166).

As pequenas Irmãs Missionárias da Caridade — lembrando a data de 29 de junho de 1915, em que o Fundador Dom Luiz Orione dava início à sua Congregação, em Tortona, Piemonte (Itália) — é com sentida ação de graças que comemoram o cinqüentenário de sua Fundação.

Note e Anote

LEIGOS SÃO CONVIDADOS A PERMANECER DURANTE ALGUM TEMPO NUM MOSTEIRO BENEDITINO

Na abadia beneditina Niederalteich, na Baviera, realizou-se, pela primeira vez, uma nova experiência da vida dos leigos dentro da Igreja, a saber : a tentativa de um convento beneditino temporário".

Esta experiência destina-se a pessoas que apreciam uma temporada de recolhimento, de oração e de meditação e tem a finalidade de aprofundar sua vida interior pela recitação do ofício divino em união com os monges, e por meditações e discussões sôbre problemas atuais.

Cidadãos proeminentes receberam uma carta particular e confidencial. A missiva era dirigida a "cristãos em posição de responsabilidade no mundo moderno" e à juventude acadêmica, propondo-lhes, por uma temporada de vida claustral, aquirirem uma nova concepção do mundo, isenta de preconceitos materialistas.

No "convento temporário" não há nada de sensacional. É simplesmente uma nova tentativa de possibilitar aos cristãos, que vivem na agitação do mundo moderno, de se recolherem e refletirem sôbre as bases essenciais de uma vida genuína. Sem mais nem menos, espera-se dos participantes que se adaptem à vida dos monges.

Os que tomam parte são leigos, professôres, médicos, funcionários, membros das profissões liberais. Não se trata de retiro espiritual. Não há preleções. A vida espiritual é centralizada pelo louvor de Deus no ofício divino, celebrado desde as Laudes, ao alvorecer, até as Completas ao findar do dia, juntamente com os monges.

Os participantes da temporada da vida claustral são hospedados perto da abadia e dedicam-se principalmente à leitura espiritual. Recebem também instruções de como fazê-la, como ler a Sagrada Escritura e meditar. Há também discussões sôbre problemas concretos da vida cristã no mundo.

Conforme a regra, cada monge executa um trabalho manual. Os participantes ocupam-se na arrumação e limpeza dos quartos; é-lhes também permitido trabalhar no jardim ou na biblioteca.

Além da oração em comum no louvor de Deus e da convivência à mesa no refeitório, os participantes podem comunicar-se mùtuamente durante o café da manhã, o lanche à tarde e no tempo livre entre o almôço e as vésperas.

Um dos resultados mais valiosos dêsses dias é a formação de uma comunidade cordialmente ligada entre si e o desenvolvimento de valiosa

troca de idéias, suscitando em todos os participantes o vivo desejo e a prontidão de ficarem unidos no futuro não sòmente com a abadia, mas também entre si.

Certamente, muitos dos que participáram da temporada de vida claustral hauriram novas fôrças, para a sua vida no mundo, experimentando algo daquilo que se lê nos Atos dos Apóstolos (caps. 2 e 4) em referência aos primeiros cristãos :

"E perseveraram na doutrina dos Apóstolos, na comum fração do pão e nas orações... e todos os dias freqüentavam o templo e, partindo o pão pelas casas, tomavam a comida com alegria e simplicidade de coração... E a multidão dos que criam tinha um só coração e uma só alma, e nenhum dizia ser sua coisa alguma daquelas que possuía, mas tudo entre êles era comum".

(ATUALIDADES CATOLICAS, 15-10-1964)

DE 21 A 23 DE JULHO HAVERÁ A ASSEMBLÉIA DOS SUPERIORES E SUPERIORAS MAIORES DO BRASIL

ASSUNTOS

1) Reestruturação da CRB. — *Será que convém substituir as seções estaduais por seções regionais? — O Secretário-Geral deve ser eleito pela assembléia geral ou pela diretoria nacional? Etc.*

2) Entrosamento entre CRB e CNBB. — *No apostolado exercido por religiosos, qual é a autoridade do bispo diocesano e qual a do superior maior? — Que providências devem ser tomadas para encaminhar o problema dos colégios? Etc.*

3) Outros assuntos. — *Qual é o funcionamento do CERIS? — Que outras iniciativas devem ser tomadas diante das necessidades atuais da Igreja e dos religiosos no Brasil?*

Pormenores foram enviados aos interessados por carta-circular. Leiam também o artigo do Padre Tiago G. Cloin, C.SS.R., O Apostolado dos Religiosos e a Pastoral da Jerarquia, *na Revista da CRB, nos meses de março e abril.*

CONVITE A RELIGIOSAS PARA SE INSCREVEREM NA UNIÃO NACIONAL DOS AUXILIARES DE ENFERMAGEM

A Irmã Terezinha Tokarski, Vice-Presidente da União Nacional dos Auxiliares de Enfermagem, faz um apêlo às Revmas. Madres Superioras no sentido de facilitarem a inscrição das religiosas Auxiliares de Enfermagem, na Associação, pelos motivos que seguem:

1.º — *contar com o apoio e o voto cristão das religiosas nas grandes decisões da profissão de enfermagem;*

2.º — *melhorar a orientação da Associação;*

3.º — *dar às religiosas melhores oportunidades de exercerem seu apostolado junto aos profissionais leigos.*

PEDIDOS DE NOVAS FUNDAÇÕES

Petrolina, PE — Uma organização de leigos quer doar, a uma congregação de religiosas, a CASA DA CRIANÇA, incluindo: *Berçário* para 40 crianças de menos de um ano (em regime de creche); *Jardim de Infância* para 200 crianças (em regime de externato, em dois turnos); *Escola Maternal* para 100 crianças de 1 a 3 anos (também em regime de externato). Oito professôras do Estado dão aulas no Jardim de Infância. A Prefeitura subvenciona a obra.

Para maiores informações, dirigir-se a

Madame Alves Filho
Rua das Laranjeiras, 147 — Apto. 402
Fone: 25-0510
RIO DE JANEIRO (ZC-01) — GB

Consultas — VIII

1) CARDEAL PROTETOR

Pergunta : Tendo falecido o nosso Cardeal Protetor, estamos obrigadas a pedir um nôvo ? Dizem que a Santa Sé não nomeia mais protetores das ordens e congregações. É verdade ?

Resposta : Sim. Na carta de S. Em.ª o Cardeal Cicognani ao Cardeal Decano do Sacro Colégio, datada do dia 28 de abril de 1964, lemos o seguinte :

"...A Sagrada Congregação dos Religiosos submeteu, recentemente, à soberana consideração do Santo Padre um estudo sôbre Protetorias... O Sumo Pontifice... dispôs que não se proceda, por ora, a ulteriores nomeações de protetores. No que concerne aos protetores existentes, na próxima edição do *Anuário Pontifício* será omitido o elenco relativo, que até agora costumava seguir-se aos nomes dos Eminentíssimos Senhores Cardeais. Por veneranda disposição de Sua Santidade, honro-me de pedir a V. Em.ª Revma. queira levar, cortêsmente, ao conhecimento do Sacro Colégio o supradito.

Embora o Santo Padre mande apenas que "por ora" não se façam novas nomeações de cardeais protetores, a continuação do texto da carta não deixa dúvida que se trata de uma ordem definitiva. Nada impede, no entanto, que o Santo Padre, achando-o conveniente, reassuma a praxe antiga que teve início com São Francisco, ordenando na sua Regra que os ministros pedissem "ao senhor Papa um dos cardeais da santa Igreja Romana que seja governador, protetor e corretor de todos os frades (*Regra*, cap. XII).

Fr. Fr. X.

2) PRESCRIÇÃO DA SANTA SÉ PARA ADMINISTRADORES

Pergunta : Qual a mudança que houve no tocante à soma, além da qual se deverá recorrer à Santa Sé, no caso de venda de bens eclesiásticos ou empréstimos ?

Resposta : A presente vem justamente a tempo para modificarmos, ou melhor atualizarmos, o que dissemos nesta revista, em seu número de

março de 1963, pp. 171-173, sob o título "Decisão Importante da Santa Sé". A mudança a que a consulta se refere, decorre do decreto da Sagrada Congregação Consistorial de 13 de julho de 1963 (cf. *AAS*, 55. 1963, 656) sôbre as prescrições dos cânones 534, § 1, e 1532, § 1, n.º 2, do Código de Direito Canônico. Neste decreto diz-se o seguinte :

A Sagrada Congregação, atendendo às circunstâncias atuais, e a fim de que se use igual e idêntico juízo, estabeleceu, por ordem do SS. Senhor Nosso Papa Paulo VI, através do presente nôvo decreto, as seguintes normas :

1. Que as trinta mil liras ou francos, dos quais se fala nos ditos cânones 534 *e* 1532, *sejam tidas como* 66 000 *unidades da moeda suiça (conhecida comumente por* Franken, Francs, Franchi).

2. Que mil liras, ou francos, sejam tidas como se se tratasse do trigésima parte da soma de 66 000, *isto é, duas mil e duzentas* (2 200). *unidades em moeda suiça.*

3. Que estas normas obriguem a todos os administradores de bens eclesiásticos interessados.

4. As conferências episcopais definam o preço em cada uma de suas nações conforme à soma da moeda suiça, que acima estabelecemos, e disto dêem conhecimento à Sé Apostólica.

Ab-rogadas quaisquer prescrições anteriores.

Dado em Roma, aos 13 de julho de 1963.

CARLOS Card. CONFALONIERI — + FRANCISCO CARPINO

Secretário — *Assessor*

As prescrições dêste decreto obrigam a todos os administradores eclesiásticos, inclusive os religiosos, uma vez que a notificação da Sagrada Congregação dos Religiosos de 30 de junho de 1962 foi revogada pela cláusula final do decreto aludido. Os interessados queiram esperar pela palavra da CNBB para conhecerem a soma em moeda brasileira equivalente a 66 000 francos suíços. Todavia, levando em conta a situação de nossa moeda, compreende-se, perfeitamente, a dificuldade do Episcopado em estabelecer a soma exata. Até que chegue êste pronunciamento oficial, poderão os administradores fazer o cálculo conforme o valor momentâneo de nossa moeda em confronto com o franco suiço.

Fr. Fr. X.

Pelas Revistas

Relatamos aqui, em poucas palavras, artigos de publicações que nos chegam e que, em vista de sua especialização, podem interessar a nossos leitores, para eventual consulta.

A REDAÇÃO

VERBUM — No seu número de dezembro último, pp. 283-291, apresenta um artigo de Walter Ramos Poyares: "Semântica, linguagem e relações públicas".

— Nas pp. 361-365 chama a atenção um relatório, mostrando que o uso da "pílula anticoncepcional" está em declínio.

ANALES DE LA FACULTAD DE TEOLOGIA — No volume de 1963-1964, às pp. 171-253, vem inserido um estudo teológico sôbre a mariologia relatando e comparando as várias opiniões conforme os vários autores hodiernos.

SPONSA CHRISTI — No seu número de abril de 1965, pp. 163-168, examina por que muitos religiosos jovens sofrem crise de espiritualidade ou por que adquirem espírito de crítica.

— A p. 169, dá, para os religiosos que mantêm obras educacionais, um resumo do esquema **Sôbre a educação cristã.**

— A p. 172, faz uma importante distinção entre educação e instrução.

RELIGIEUSES D'ACTION HOSPITALIÈRE ET SOCIALE — Esta revista está publicando, desde fevereiro de 1965, uma série de artigos sôbre técnicas de reunião de grupo.

DO-C (DOCUMENTATION HOLLANDAISE DU CONCILE, Via S. Maria dell'Anima, 30, Piano III) — Nos seus números 152, 153 e 160 explica a mudança de mentalidade que se está operando entre os teólogos católicos a respeito da regulação dos nascimentos.

— No número 182, Dom Neóphitos, Edelly, Arcebispo titular de Edessa, do rito melquita, descreve algumas reações e opiniões dos católicos orientais em relação ao Concílio e especialmente em relação ao esquema **De Ecclesia**: clericalização da Igreja Latina, Colegialidade episcopal, diáconos casados ou não, celibato etc.

CIDOC INFORMA — Em seu número de 1 de março de 1965 descreve as relações atuais entre o Govêrno e a Igreja no México.

— No número de 16 de março apresenta o discurso de Dom Hélder Câmara, pronunciado como paraninfo na escola de Agricultura da

Universidade Rural, no dia 19 de dezembro de 1964, sôbre o papel da Igreja e do Brasil no desenvolvimento da América Latina.

IGREJA EM FOCO — Desde o número de março está publicando, na íntegra, os trabalhos apresentados no encontro de pastoral de grandes cidades, realizado em São Paulo, em fevereiro último. (Assinatura: Cr$ 4.000. Endereço: Caixa Postal 85-ZC-01, Rio de Janeiro, GB).

LUMEN — No número de março de 1965, pp. 199-212, Albano Vilela fala, sob o título "Princípios Inspiradores da Reforma Litúrgica da Missa", sôbre: aspecto comunitário, participação ativa, diálogo de Deus com o seu povo, o uso da língua vernácula, adaptação dos ritos, simplificação dos ritos, restauração de ritos antigos, liturgia da palavra, ligação entre ofertório e cânon, e revisão do cânon.

— Nas pp. 213-224, Julián Herranz fala sôbre os institutos seculares: 1) sua origem e aprovação e 2) sua fisionomia inicial. No próximo número tratará sôbre: 3) a sua evolução e 4) dados complementares.

TEOLOGIA Y VIDA — Dedica o número de out-dezembro 1964 à educação chilena à luz do plano pastoral; realidade educacional chilena; o problema das universidades católicas; nova orientação para a educação primária; planejamento educacional.

LE CHRIST AU MONDE — Em seu número 2 de 1965, coloca o problema que as missões estrangeiras estão encontrando em relação às outras religiões em vista do ecumenismo: la mission, est-elle en crise?

— O mesmo número, às pp. 154-158, pergunta: como exercer influência cristã sôbre a produção de filmes?

— Nas pp. 167-174 descreve a experiência apostólica, feita em Juiz de Fora, Minas Gerais, através de uma peça teatral "O Cristo Total", baseada nas 14 estações da via-sacra.

CIDOC INFORMA — No seu número de 1 de fevereiro de 1965 examina a situação política de Peru, o papel do Partido Democrata Cristão, e a atitude assumida pela Igreja. Depois, num plano mais amplo, examina a evolução política na América Latina.

— O número de 1 de abril último descreve as relações entre a Igreja e o Estado em Cuba.

LA DOCUMENTATION CATHOLIQUE — No número de 21 de março de 1965, pp. 531-538, apresenta considerações sôbre o apostolado da opinião pública, e nas pp. 539-548, sôbre a imprensa. Sempre em redor de idéias de diálogo.

— Nas pp. 549-558 apresenta as diretrizes pastorais do Episcopado alemão sôbre o problema sexual da juventude. Deverá interessar a todos que têm responsabilidade na educação da juventude.

LITURGIA E VIDA — No seu número de janeiro a abril de 1965, nas pp. 15-19, dá notas históricas sôbre o ofício divino.

— Nas pp. 20-47 apresenta as respostas da Comissão executora das disposições da Constituição Litúrgica, resolvendo várias dúvidas.

— Nas pp. 48-53 resume as inovações no rito de celebrar a Missa.

REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA — Nas pp. 6-11, o Mons. Frederico Didonet escreve sôbre renovação sacerdotal. Sem esta, "ficaria sempre comprometido qualquer esfôrço de planejamento e renovação

pastoral". Não "se renovará o ministério sacerdotal apenas relembrando, acentuando ou urgindo obrigações e encargos... Uma formação calcada apenas em aspectos negativos de privação e renúncia ou fuga do mundo será incapaz de oferecer lastro para superação de crises, principalmente de crises tão profundas e existenciais como as de hoje, e de mudanças tão violentas e radicais... Entre os meios por excelência de renovação sacerdotal está, sem dúvida, a vivência do **presbiterium**, decorrente da colegialidade episcopal... Constituirá estímulo poderoso a concretização prática de colegialidade episcopal... Meio não desprezível... constitui também o contato com os leigos".

— Nas pp. 11-27, o Padre Frei Antônio Rolin, O.P., estuda a religiosidade no Brasil:

"Assistimos a uma transição de uma religião de tipo autoritário para uma religião de participação... As mudanças sociais fazem ruir uma religiosidade de tradição, ou ligada à cultura local. O vazio que ela deixa com o seu desaparecimento só poderá ser substituído, de modo firme, com o desabrochar de uma religiosidade conscientizada...

É como um terreno propício a credos diversos, espíritas ou protestantes, ou mesmo ao sincretismo religioso. E só um trabalho de purificação desta religiosidade, partindo do que ela é, poderá salvar seus elementos religiosamente positivos".

— Nas pp. 49-58, o Padre G. J. Deelen, SS.CC., pergunta se a paróquia urbana pode ser uma comunidade. As tradicionais paróquias rurais "se construíram acima da comunidade local e de tal modo se ajustaram a ela que se tornou difícil observar uma diferença material entre elas. Tal assimilação não se encontra em nossas metrópoles... Justamente na vida moderna das cidades, em que as relações profundas e religiosas não mais coincidem, a comunidade religiosa realiza-se dificilmente... A idéia de família grande aplicada à paróquia é geralmente considerada como uma ficção sem valor para as paróquias que temos em vista... As igrejas paroquiais tendem a tornar-se emprêsa concorrendo para uma clientela criteriosa, porque os ministros que lhe atendem tornaram-se funcionários anônimos com os quais só têm encontros casuais... Para a maioria, a igreja paroquial não passa de uma das muitas igrejas na cidade onde se pode assistir à Santa Missa... Saindo da situação existente, os curas de almas tentam fazer da paróquia uma comunidade ativando os paroquianos para uma paróquia missionária, e para isso procuram congregrar na comunidade não sòmente os membros de medula, como também os paroquianos marginais. Para construir uma nova comunidade paroquial, os líderes dêste movimento rejeitam a formação de um núcleo fiel e organizado na paróquia, o qual ficaria sendo uma comunidade menor dentro de uma maior. Mostram também certa aversão quanto ao fato de que os sacerdotes gastam todo o seu tempo na direção de algumas organizações sem fim religioso ou com religiosidade duvidosa... Têm a convicção de que a paróquia não deve funcionar como uma fôrça centrípeta, mas como fôrça centrífuga". O autor do artigo deixa de lado o problema se as delimitações desta comunidade devem coincidir com os limites atuais da paróquia ou se deve abranger uma zona, em cuja direção não está simplesmente um vigário, mas um colégio sacerdotal, pois na evolução pastoral a tendência parece ser esta que no futuro a zona substituirá a paróquia como unidade pastoral básica.

— Nas pp. 84-92, o Padre Jaime Snoek, C.SS.R., procura sintetizar os principais elementos para uma revisão da moral matrimonial, pois "tôda a regulação da natalidade e mesmo tôda a moral matrimonial é posta em questão". O próprio Paulo VI admitiu em princípio a possibilida-

de de uma reformulação das normas traçadas por Pio XII. Primeiro, cita algumas conclusões de historiadores para concluir que o argumento da tradição deve ser usado com muita cautela. Depois, coloca o problema da explosão demográfica que é um desafio à consciência cristã. Cita algumas opiniões que sustentam haver dúvidas se a continência é a única solução moralmente admissível. Por isso, há tentativas recentes de rever os princípios.

Problemas centrais são: Em que consiste a lei natural em matéria de relações conjugais? Como se relacionam a lei natural e a lei do amor? Qual é a jerarquia de valôres? Será que devemos julgar sôbre atos isolados ou sôbre a pessoa que age (num plano global)? Que pensar do voluntarium directum et indirectum?

Por fim, o autor frisa que estas idéias novas devem ser ainda provadas e que a atitude dos pastôres deve ser bastante reservada.

NOTA: Nesta seção transcrevemos alguns tópicos apenas para ilustrar o desenrolar da argumentação. Por serem tirados de seu contexto, é preciso ler o próprio artigo para evitar interpretações erradas.

PRÊTRES DIOCESAINS — Em seu número de março último, às pp. 103-105, volta ao problema da preparação dos padres novos para os trabalhos apostólicos e acentua a necessidade de trabalho em grupo.
— Nas pp. 119-124 apresenta considerações pastorais sôbre os deveres dos cristãos em relação à política.

Os que se interessam pelo problema das vocações, peçam que lhes seja enviado regularmente o

INFORMATIVO VOCACIONAL

Endereço:

Conferência dos Religiosos do Brasil
Av. Rio Branco, 131 — 9.º andar
RIO DE JANEIRO (ZC-21) — GB

Recensões Bibliográficas

ANGEL VALTIERRA, S.J. — *Las fuerzas que forjan la Opinión Pública* (Prensa — Cine — Rádio — Televison), Editorial PAX (Casa de Escritores S. J., San Pedro Canisio, Carrera 23 Número 39-69), Bogotá, Colômbia, s.d., 1 vol. br., 220x145 mm, 560 pp., US$ 4,00.

A partir da importância e da crescente utilização, inclusive para o mal, das modernas técnicas de comunicação, o Padre Valtierra — diretor das revistas "Javeriana" e "Mensajero", assessor técnico de orientação cinematográfica, fundador do curso superior de Periodismo e Radiofusão da PUC Javeriana, de Bogotá — recorre à sua larga experiência e mostra neste nôvo livro o atraso e a indiferença dos católicos ante o grave problema das fôrças que formam a opinião pública.

Quer ser a *voz de alerta*, para os cristãos que têm uma mensagem para o mundo de hoje, e *dar normas práticas de ação*. Em visão pastoral estuda os meios modernos de comunicação; separadamente, a Imprensa, o Cinema, o Rádio e a Televisão. Em cada tema deixa uma inquietação e sugere diversas atividades pastorais.

Exposição agradável, quase sempre fundamentada em estatísticas. No final, rica bibliografia e documentação de utilidade imediata. O conhecimento que traz dos problemas, sua gravidade, o apêlo à responsabilidade dos católicos, as indicações pastorais e estatísticas recomendam o livro do Padre Valtierra, principalmente aos encarregados de formar os líderes cristãos para o mundo de hoje.

P. FÁBIO FRANÇA

GEORGES BERNANOS — *Diário de um Pároco de Aldeia*, trad. do original francês por Edgar G da Mata-Machado, 1964, 1 vol. br., 140x215 mm., 216 pp., ... Cr$ 2 500.

A mais recente publicação da AGIR é a 4.ª edição do DIÁRIO DE UM PÁROCO DE ALDEIA, a obra-prima de Georges Bernanos e um dos maiores romances de todos os tempos, sob o ponto de vista da elaboração, da técnica, da beleza. A tradução foi feita por um amigo brasileiro do grande escritor, Edgard Mata-Machado, que executou a tarefa com dedicação e carinho.

Dêste livro disse o próprio Bernanos: "não é livro como os outros, apego-me enormemente a êle. *Creio* estar seguro a respeito do que êle é. *Creio* que está fadado a repercutir em muitas pessoas, e, ao escrevê-lo, jamais fiz — mesmo de longe — um tal esfôrço de despojamento, de sinceridade, de serenidade, para atingir o leitor. Espero que êsse precioso vigãriozinho seja o meu intérprete e o meu conciliador junto de muitos que não me conhecem e se deixam levar pelas aparências... Tenho dado o melhor de mim mesmo para que o *Diário* seja o mais belo e o mais completo êxito de minha vida de escritor... Se não me parecesse ridículo misturar grandes nomes à minha estranha e pequena história, diria que êste livro está para o *Sol de Satã* como Racine para Corneille... Trabalho no DIÁRIO DE UM PÁROCO DE ALDEIA e devo agradecer a Deus. Parece que está indo bem... Há o vigário de Torcy, o doutor Delbende, a Condêssa, Chantal, a pobre amante do apóstata — jamais, em nenhum dos meus livros, juntei tantas crianças e tantos heróis".

GIOVANNI SCANTAMBURLO — *Paulo VI*, trad. do original italiano por Maria Luisa Toselli, Editôra Vozes, Petrópolis, 1965, . vol. br., 220x150 mm, 240 pp.

Depois de se ler uma obra dêste teor, é-se levado quase instintivamente a aplicar logo a Paulo VI o epíteto já consagrado: "o doce Cristo na terra". Ao Papa que disse "teremos coração para todos" o autor oferece o volume em pauta *como recordação da alma mais compassiva, mais delicada, mais generosa e amante de Deus e da Igreja*, que lhe foi dado conhecer. E ao leitor atento êle oferece também, em cada capítulo, em cada página, em cada linha, num estilo leve e colorido, o retrato de um grande Pontífice. Ante nossos olhos, presos num crescendo de admiração e santo orgulho, perpassam cenas de sua vida tôda, as mais palpitantes e as mais discretas, desde a infância até a viagem à Terra Santa. Como nos tocam imagens de sua alma de apóstolo, recônditos de seu coração bondoso, exemplos de prudência e zêlo de verdadeiro mestre e pai!

Trata-se mais que de mera biografia. Além dos dados históricos, alguns de sabor inédito, e de várias fotos que ilustram algumas das facetas da vida de Paulo VI, contém numerosos excertos de suas mensagens e discursos — o que tudo junto melhor nos leva a uma visão mais ampla da augusta personalidade do atual Pontífice Romano, tão rica de qualidades, tão harmoniosa em seu conjunto, tão expressiva num tempo em que para o mundo parece abrir-se um caminho nôvo, mais aberto à verdade, mais feito de amor e por isso mais próximo de Deus. A cada passo, a vida de Paulo VI nos oferece exemplos dêste quilate. Em cada capítulo que se lê, logo se depreende a presença de um sacerdote que se deu, sem restrição, à causa de Deus e de sua Igreja. Em Roma, com Pio XI e Pio XII, em Milão, no sólio pontifício, na Terra Santa, sempre o zêlo e a caridade marcam a figura ao mesmo tempo simples e nobre de Montini. Com os pobres e os operários, com os padres e até com os adversários da Igreja, em tudo e sempre êle se mostra o sacerdote, o doutrinador, o pastor, que é Paulo VI.

Ninguém que preze a vida da Igreja em nossos dias deverá dispensar-se de possuir, ler e difundir uma obra dêste gênero. E através de semelhantes testemunhos que melhor nos é dado vislumbrar a obra do Espírito Santo no seio da Igreja, cuja beleza e vitalidade cada vez mais a distingue em meio a um mundo tão ávido de luz e verdade.

R.N.

GUSTAV L. VOGEL — *Que Sabemos Acêrca da Alma*, trad. do original alemão por Germano Müller, Editôra Vozes, Petrópolis, RJ, 1963, 1 vol. br., 185x130 mm, 176 pp.

Multiplicam-se, hoje em dia, publicações de todo gênero a quererem explicar, dentro das diversas correntes psicológicas, a natureza da alma e daí tôda uma série de implicações com que ela se prende substancialmente à vida do homem. E' assunto na verdade fascinante que, quando bem orientado, nunca é demais aprofundar. Teólogos e filósofos, médicos e psicólogos, educadores e ensaístas, se debruçam sôbre o *mistério da alma humana*, uns e outros em busca de um maior conhecimento daquilo que distingue o homem de qualquer outra criatura.

Bem andou o autor ao escrever êste livrinho, no intuito de dar ao leitor *um aspecto inicial, um levantar de ponta do véu que encobre esta paisagem tão extensa, tão ramificada, tão abismal e acidentada da Psicologia* (p. 5). Numa linguagem apropriada, sem precisar de têrmos demasiado científicos, e sempre de um modo que alia o útil ao agradável, de-

senvolve êle o estudo da matéria em três partes: 1) fala da alma, dentro do aspecto experimental, como faculdade capaz de conhecer, sentir e querer; 2) aborda algumas questões que se prendem mais de perto com a substância espiritual da alma, sua unidade, origem e sobrevivência, conforme os princípios da filosofia espiritualista; 3) dá um conspecto da psicologia contemporânea, realçando sua contribuição para o conhecimento da alma, não deixando de se referir a concepções e práticas mais em voga ao redor de temas como a psicanálise, a psiquiatria, a tipologia, possibilidades psicoterapêuticas e ainda um capítulo final sôbre a parapsicologia.

Por se tratar de exposição atualizada e segura sôbre matéria tão complexa e que cada vez mais interêsse está despertando em nosso meio, bom será que o livro em pauta chegue às mãos sobretudo de quem tem responsabilidades no campo educacional. Mesmo para quem esteja familiarizado já com o estudo da psicologia humana nem por isso deixará de beneficiar-se com a leitura de QUE SABEMOS ACÊRCA DA ALMA?, pela visão de conjunto concisa, prática e criteriosa que oferece.

B.N.

José María Escrivá de Balaguer — *Caminho*, Edições Panorama, São Paulo, s.d., trad. de Alípio Maia de Castro, 1 vol. br., 210x140 mm, 192 pp.

Poucos livros como êste terão alcançado alguma vez, em tão pouco tempo, tão grande projeção internacional. No campo da ascética é difícil mesmo que, em nossos dias, outra obra tenha atingido já o número de tiragem e traduções que distinguem o CAMINHO. Mais de um milhão de exemplares, mais de 20 línguas — é isto, sem dúvida, o melhor testemunho do entusiasmo e aceitação que êste livro encontrou em todos os continentes. Coletânea de pensamentos — soltos embora e até contrastantes por vêzes mas dispostos sempre em harmoniosa e completa obra de arte literária, como em maravilhoso mosaico de vida ascética — CAMINHO já foi apelidado de "Imitação de Cristo dos tempos modernos".

Sucedem-se algumas dezenas de capítulos como se se assistisse de certo modo ao desfiar daquilo que compõe e entretece a vida tôda do homem, o seu verdadeiro caminho: caráter, direção espiritual, oração, santa pureza, coração, alegria, tribulações, proselitismo, pequenas coisas, perseverança... São conselhos, são toques, são considerações, são *coisas* — escreve o autor, logo na apresentação — *que te digo ao ouvido, em confidência de amigo, de irmão, de pai. E estas confidências as escuta Deus. Não te contarei nada de nôvo. Vou revolver as tuas recordações para que aflore algum pensamento que te fira e assim melhores a tua vida por caminhos de oração e de amor* (p. 13). E o leitor sente-se como que mergulhar, a cada passo, numa espécie de banho tonificante e renovador — tal é a espiritualidade, a psicologia, a profundeza, que perpassa cada pensamento que se lê.

Sempre em tom amistoso e íntimo — usando a segunda pessoa do singular — jamais sem deixar de ser sincero, incisivo, delicado e concludente. E' um caminho que faz bem percorrer... Assegura paz e oferece o segrêdo de saber chegar ao fim, com sucesso: *Persevera no cumprimento exato das obrigações de agora. Êsse trabalho — humilde, monótono, pequeno — é a oração traduzida em obras que te dispõe a receber a graça do outro trabalho — grande, vasto e profundo — com que estás sonhando.*

O autor, espanhol, hoje membro da Pontifícia Academia Romana de Teologia e consultor de várias congregações da Cúria Romana, além de fundador do Opus Dei, teve, desde o início de sua vida sacerdotal, notável atuação

em paróquias rurais, em bairros pobres de Madri, mais tarde na universidade onde foi professor. Foi em contato com almas de têmperas e condicionamentos tão diversos que em seu espírito culto, delicado e apostólico, pouco a pouco, foi germinando o CAMINHO que a todos — padres, religiosas, educadores, pais, jovens, crentes e descrentes — se oferece como obra de incontestável valor moral e digno de particular elogio.

B.N.

LIVROS

Da Editôra Vozes, Petrópolis, RJ:

ALEJANDRO CASONA — *A Dama da Madrugada* (Retábulo em quatro atos — Col. Diálogo da Ribalta — 7), trad. de Valdemar de Oliveira, 1965, 1 vol. br., 212x135 mm, 120 pp.

RENÉ LAURENTIN — *Breve Tratado de Teologia Mariana*, trad. da 4ª edição francesa, ampliada, revista e atualizada por Rose Marie Muraro, 1965, 1 vol. br. 220x150 mm, 224 pp.

Curso de Pedagogia Catequística, de Anne Marie Agnard, vol. I, primeira parte, tradução e adaptação sob a responsabilidade do Instituto Superior de Pastoral Catequética da CNBB, (IV da Col. Catequese e Pastoral), 1965, 1 vol. br., 220x150 mm. 104 pp.

A Pedagogia do Herói. (Ensino Religioso de 12 a 14 anos), de J. Bournique, P. Pilet, F. Sofray; trad. de Ducelina Dátria Euthymiou, (V da Col. Catequese e Pastoral), 1965, 1 vol. br., 220x150 mm, 192 pp.

Avante com Cristo (Fichário que acompanha o livro *A Pedagogia do Herói*, para uso do aluno), 1965, para 27 reuniões, formato: 220x150 mm.

Celebração da Palavra de Deus para o DIA DAS MÃES, organizado por Pe. Rubens Hosken Ferreira e publicado pelo Centro de Documentação, Secretariado Nacional de Catequese, CNBB, 1965, 1 op. br., 173x115 mm, 16 pp.

Pastoral da Assembléia Litúrgica para o Brasil de Hoje (Cadernos da CNBB 3), Livraria Dom Bosco Editôra, Rio de Janeiro, 1964, 1 vol. br., 230x160 mm, 210 pp.

Do autor:

PE. BERTRAND DE MARGERIE, S.J. — *O pão nosso de cada dia nos dai hoje* (significado e valor da comunhão diária para o católico do século XX), Editôra "O Lutador", Manhumirim, MG, s.d., 1 op. br., 140x100 mm, 12 pp.

REVISTAS

Do Brasil:

Cidade Nova — Ano VII, n.º 1, 1965, São Paulo.

Liturgia e Vida — jan.-fevereiro e março-abril 1965, Rio de Janeiro.

Revista Eclesiástica Brasileira — março 1965, Petrópolis, RJ.

O Seminário — março-abril .. 1965, Viamão, RS.

Sponsa Christi — abril 1965, Petrópolis, RJ.

Do Exterior:

Brothers' Newletter — vol. 6, nº 4, 1965, Union City, N.J. — EUA.

DO-C — números 165 e 166, Roma.

La Fiaccola — Fiaccolina — fevereiro 1965, Milano (Itália).

Le Christ au monde — vol. X, nº 2, Roma.

Lumen — janeiro, fevereiro e março 1965, Lisboa.

Prêtres Diocésains — março .... 1965, Paris.

Religieuses d'Action Hospitalière et Sociale — março 1965, Paris.

Rivista delle Religiose — fevereiro e março 1965, Roma.

Vida Religiosa — março-abril 1965, Madri.